1832

JOSE DE FARO,

OU

O Mercador Ambulante.

HISTORIA

DE

JOSE DE FARO,

OU

O Mercador Ambulante:

SEUS CONSELHOS E EXPERIENCIA

OFFERCIDOS AOS SEUS COMPATRIOTAS.

Imitação d'uma Obra premiada pelo Instituto Real de França, como a mais util a todas as classes da Sociedade.

POR

F. L. ALVARES D'ANDRADA,

Bacharel em Bellas-Lettras pela Universidade de Paris, Socio da Academia Real das Sciencias, Bellas-Lettras e Artes d'Orléans, Membro da Sociedade Real das Sciencias Chimicas e Physicas de Paris, da Sociedade Franceza de Statistica Universal, etc., etc.

Se a experiencia vale mais do que o ouro, caro custa por vezes a sua posse; quã louco será pois aquelle que recuzar aproveitar-se da que de graça se lhe offerece ?

Londres:

IMPRESSO E A' VENDA POR BINGHAM,

No. 5, WILMOT STREET, BRUNSWICK SQUARE.

1832.

DEDICATORIA

A

Sua Magestade,

O SERENISSIMO SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA

EX-IMPERADOR DO BRAZIL, E REI DE PORTUGAL.

SENHOR

Tenho a honra de respeitosamente offerecer a Vossa Magestade esta minguada obra, emprehendida com o fito sómente do bem geral da Naçâo Portugueza, e que, por mais d'um motivo, julguei merecia a especial protecçâo de Vossa Magestade.

Com effeito, uma obra philosophica, cujo fim tende a inspirar aos Portuguezes algumas das principaes virtudes sociaes, a quem conviria dedicar-se senâo ao Augusto Philosopho, que, na flôr da idade, destribuindo e recusando thronos, prefere a vida particular, para em socego exercer essas mesmas virtudes, que os dous mundos N'elle tem admirado?

Uma obra que trata de mostrar ao pôvo

Portuguez os bens que lhe resultâo da Carta Constitutucional, a quem poderia ser dedicada senâo ao Autor de tâo immortal obra, e ao dispensador d' esse incomparavel beneficio? Uma obra, em fim, que, apezar do seu valôr intrinseco, precizava, pela pouquidade do autor, de ter á sua frente um nome illustre, que a escudasse e protegesse, qual outro poderia eu escolher que lhe desse igual realce?

Digne-se Vossa Magestade pois aceitar benignamente a minha tenue offerta, como parte do tributo de gratidâo, que todos os Portuguezes devem á Augusta Pessoa de Vossa Magettade, Outorgando-lhes n'isto mesmo um novo beneficio, pelo qual, sobre tudo, se mostrará eternamente agradecido o que tem a honra de ser com o maior respeito

DE VOSSA MAGESTADE

O mais humilde e reconhecido subdito

FRANCISCO LADISLAO ALVARES D'ANDRADA.

PREFACIO

Simaõ de Nantua, o melhor livro que nos tempos modernos talvez tem apparecido, e que o Instituto Real de França julgou como tal, adjudicandolhe em 1828 o prêmio extraordinario, instituido por Mr. de Montyon para a obra que se publicasse, e que mais util fosse ao publico em geral, produzio em mim o mesmo enthusiasmo, que sem duvida produzirâ sempre à maior parte dos seus leitores. Tendo conhecido no Algarve um homem, quasi semelhante a Simão de Nantua, da mesma profissão, possuindo grande parte das qualidades que Mr. de Jussieu attribue ao seu heroe, lembrei-me logo de fazer, à imitação d'aquella, uma obra que servisse de igual utilidade para a minha patria, tão falha das de semelhante natureza. Este trabalho, mal ou bem desempenhado, estava ja quasi concluido quaudo esta disgraçada patria se vio de novo subita e aleivosamense escravizada pelo mais barbaro e feroz dos tyrannos, protèctor só do crime, do fanatismo e da ignorancia; privada das Instituiçoens, que só podião fazer

a sua felicidade, e que o mais generoso e sàbio dos Monarchas liberalmente lhe outorgara, vendo-me, em conseguinte, obrigado a aguardar tempos mais felizes para a sua publicação. Agora porem que começa a rayar a aurora de melhor dia, apresso-me em da-lo á luz, convencido da sua utilidade para os Portuguezes, cuja ventura é o objecto dos meus mais sincéros e fervorosos dezéjos.

José de Faro, heroe da minha obra, não é pois, como acabo de dizer, um individuo imaginario; toda a gente do Algarve se lembrará d'elle, sobre tudo se eu dissèr o nome por que elle era ali mais vulgarmente conhecido. Andava por todas as feiras, por todas as terras e cazas principaes do Algarve vendendo as suas mercadorias, que consistião ordinariamente em panos de linho e d'algodão, chitas, livros etc. , sendo de todos com prazer acolhido, pela sua probidade, conselhos razoaveis que a todos dava, receitas e remedios simples, que tinha para quasi todas as doenças, e sobre tudo pela inalteravel alegria pintada em seu rosto, e que aos outros parecia communicar-se. Posto que mui criança entaõ, lembrame mui bem d'elle, e do contentamento que todos nós tinhamos, quando vinha a caza de meu pai. O respeitavel Arcebispo D. Francisco Gomes do Avelar, Bispo do Algarve, de quem me honro ser parente, não pela sua jerarchia, mas pelas suas bem conhecidas virtudes, estimava particularmente José

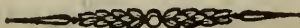
de Faro, e isto quasi que basta para fazer o seu elogio.

A semelhança entre Simão de Nantua e uma pessoa do meu conhecimento, de quem conservava agradavel lembrança, confesso, foi um dos motivos que ao principio me fez emprehender este trabalho; mas hoje é sobre tudo a convicção da sua utilidade nas actuaes circunstancias.

Possão os meus esforços ser bem aceitos dos meus concidadãos, e o meu José de Faro receber d'elles tão bom acolhimento, como o Simão de Nantua de Mr. de Jussieu recebeo dos Francezes.

JOSE DE FARO,

OU

O Mercador Ambulante.

CAPITULO I°.

Historia de Jose de Faro contada por elle mesmo, e seus primeiros conselhos sobre a prudencia, virtude mais necessaria na sociedade.

Pedra movediça nunca musgo a cubiça, é rifão antigo que muitas vezes ouvia repetir a meu avô, e quer dizer, pouco mais ou menos, que raras vezes se ganha a mudar de lugar, e a correr pelo mundo. Eu sirvo de prova a este bom ditado. Posto que andando, durante mais de trinta annos, em Portugal, de feira em feira, de terra em terra, de caza em caza, fazendo o meu limitado commercio, e depois por quasi toda a Europa, em consequencia tambem de me vêr perseguido, forçado a emigrar, abandonando na velhice a cara patria, aonde nunca me lembra ter feito mal a nimguem, mas antes sempre todo o bem que pude, digo, apezar da minha continuada vadice, pouca

fortuna tenho ajuntado; mas possuindo bons olhos e bons ouvidos, uma memoria soffrivel, tendo visto e ouvido muita cousa e muita gente, vezitado differentes paizes, adquiri uma boa soma de experiencia, que vale ouro. Ora como eu nunca fui aváro do pouco que possuo, é este precioso bem que com-vosco vou repartir, meus compatriotas. Não desprezeis a minha offerta, e mais tarde conhecereis o seu valôr. Se tivesseis necessidade de edificar uma caza, e alguem viesse fazer-vos presente d'uma ja toda prompta, e segundo o vosso gosto, não ficarieis acaso satisfeitos? Pois a minha dádiva vale mais do que a caza e poupar-vos-ha mais penas e mais trabalhos do que a sua construcção.

Meu pai, natural de Faro, Capital da bella, rica, mas tão desprezada Provincia do Algarve, ahi exercia, como eu, o pequeno trafico de vender pelas feiras e pelas cazas differentes mercadorias a retalho; mas vivendo nos bons tempos de Portugal, chegou a ajuntar uma modica fortuna, com a qual vivia, senão abastado, ao menos comodamente. Possuido da tão commum mania de querer que eu fosse mais do que elle, destinou-me para o Estado Eccleziastico, mandando-me, em consequencia, para os estudos.

Entre os estudantes que frequentavão as aulas do Seminario de Faro, (he necessario desculpar-me esta confissão, que em minha boca parecerà pouco conveniente) havião poucos que tivessem tanta fa-

cilidade como eu para comprehender tudo a que me applicava; os professores fazendo-me publicos elogios, passava entre os meus camaradas por uma espécie de Oraculo. A vaidade porem que me inspirava esta destincção, que benévolamente me accordavão, começava ja a corromper o bom natural de que a Providencia me havia dotado, fazendo-me em verdade julgar de esfera mui superior, e destinado para grandes cousas; porque o vaidôso assemelha-se àquelle que, uzando de oculos com vidros amarellos, toma uma péça de doze vintens por uma moeda de ouro, ou, por outra, como diz o ditado, *Vê no olho alheio o argueiro, e no seu não vê Cavalleiro*. Qundo pensava no Estado Eccleziastico, aque me destinavão, a mitra e o báculo erão desde logo o objecto das minhas esperanças; mas como, apezar d'esta alta perspectiva, pouca vocação tinha para o estado, se me lembrava d'outro qualquer, era pondo sempre a mira em ponto igualmente elevado. Se se me antolhava a vida militar, via-me General, e o mundo inteiro occupado com a fama das minhas victorias; se a Magistratura, ou a Politica, julgava-me Dezembargador do Paço, Embaixador, ou Ministro; só a modesta profissão de meu pai, na qual, com tudo, elle sempre vivera feliz, e ajuntou mesmo de que passar tranquillo o resto de seus dias, me esquecia, quando tanto cumpria que d'ella me lembrasse.

Tal era o men modo de pensar, quando uma vez

fui á Sé de Faro assistir a uma grande festa que ali se fazia, em consequencia de certo regozijo publico, e à qual assistião todo o Cléro, e as Authoridades civis e militares do Algarve. Foi então que Deos me abrio os olhos, e que com-migo fiz as seguintes refléccoens:—Eis-ali um Bispo com toda a sua pompa, com o seu báculo e mitra engastados em pedras preciosas; mas, em torno d'elle, que quantidade devizo de pobres clérigos com simples sobreplizes? Ali estão no coro, assentados em cadeiras, o General Commandante das Armas, o Governador da Praça e alguns outros officiaes superioes; mas o que he isso em comparação do numero de subalternos e de soldados que deviso em pé no meio da Igreja? Lá está o Corpo da Magistratura, relusindo em authoridade; mas por detraz d'elle, que multidão de famintos esbirros e escrivaens! Quanto è limitado o numero dos lugares elevados e immenso o dos inferiores! Quão difficil será pois o passar d' uns para os outros! A sociedade è como uma pyramide, no cume, muito estreita, o lugar è perigoso e dificil a obtér; no meio ja se está mais à vontade, e na baze ha commodo e facil lugar para todos.

Deixa-te pois das tuas loucas e ambiciosas idéas, José, e se queres ser feliz sem muito custo, ségue honradamente a modesta profissão de teu pai.

Acabada a festa, fui direito para caza, despi a batina com tenção de nunca mais a tornar a vestir, e

disse resolutamente a meu pai, que, não sentindo vocação alguma para o Estado Eccleziastico, o meu dezêjo era ser mercador ambulante como elle tinha sido, ja que não se podia tomar a mal que um filho quizesse seguir a profissão de seu pai. O meu não ficou nem por isso mui contente com esta resolução; mas em fim determinou-se a fazer-me a vontade, preparando-me a sacola para a minha primeira jornada, e dando-me os conselhos necessarios para bem exercer a minha nova profissão. Com tudo, devo dizer-vos, que nunca me arrependi do tempo que dei ao estudo; antes pelo contrario, por mais d' uma vez, dei parabens á minha fortuna por possuir esses poucos conhecimentos que então adquiri. Ah! meus caros compatriotas, se conhecesseis bem todo o valôr d' uma boa educação, e todos os males que accompanhão a ignorancia, terieis mais aversão a tão horrivel flagèllo. Que magoa sinto ao lembrar-me que a maior parte d' aquelles para quem principalmente escrevo, e que mais interesse teria em escutar estes conselhos que a minha experiencia por salutares lhe offerece, d' elles não poderá aproveitat-se pela sua ignorancia! He de esperar que o Governo sábio e justo, que bem depressa teremos, se apressarà de fazer séria attenção ao importante objecto da educação publica, multiplicando as escolas, e tomando fortes e sevèras medidas contra a negligencia dos pais; porque, no estado em que

està a nação, he necessario, infelizmente, obriga-la a ser feliz. Nos paizes civilizados da Europa por onde tenho viajado, e sobre tudo em Inglaterra, não he o Governo só quem vigia sobre a educação publica, os particulares mesmo mostrão o mais desvelado interesse a este respeito, fundando á sua custa uma immensidade de escolas e establecimentos de differentes géneros, onde todos podem mandar gratuitamente seus filhos para adquirir a instrucção necessaria em proveito seu e do Estado. As senhoras sobre tudo dão d' isto o mais nobre exemplo, estabalecendo em seus palacios escolas publicas para os indigentes, sendo ellas e suas jovens filhas muitas vezes as mestras. Quando verei eu na minha patria o mesmo dezêjo e igual emulação em procurar destruir esse flagello da ignorancia, e dissipar as trèvas, que o fanatismo e a tyrania para seu interesse tão densas tornou!

Foi n'este momento de enthusiasmo que a primeira victoria obtida contra as minhas paixoens me inspirava, que resolvi entrar sèriamente no estudo de mim mesmo, afim de conhecer quaes erão as minhas boas ou más qualidades, para conservar umas, e corrigir outras. Ao discobrir, porem, cada dia novos defeitos, novas ruindades, vi que era mais facil conceber este projecto do que executá-lo. Não perdi com tudo coragem; continuei, e, se he necessario dizer-vo-lo, continuo ainda, porque he um trabalho

de que nunca se vê fim ; mas devo acrescentar que quanto mais se adianta, menos penivel é, e torna-se por fim atè necessidade e prazer. Mal podeis fazer idéa do prazer que experimento quando consigo descobrir em mim algum defeito, que, por mui recondito, não conhecia. Procuro logo desfazer-me d'elle, como se fora asqueroso e peçonhento verme, e, exultando, digo : vamos, ja ahi está um de menos. Apezar de tudo isto, sei quão pouco presto e valho; mas tenho ao menos a vantagem de possuir esse conhecimento, o que não é pequena cousa.

Reflécti bem, e vereis, que quasi todos os males que nos acontecem, ou que fazemos aos outros, provem as mais das vezes da nossa inconsideração. Aposto que se eu podesse estar um dia inteiro só ao vosso lado, meu caro leitor, surprehender-vos-hia mil vezes julgando mal dos homens e das cousas, obrando sem reflècção, e sem nunca pensardes nas consequencias que podem vir a ter as palavras e as acçoens. Em primeiro logar, logo pela manhã, quando estivesseis ainda roncando, depois do nascer do sol, e a dar voltas na cama uma hora antes de alevantar-vos, vamos, vamos, vos diria, o tempo foge, e os instrumentos enferrujão-se. Gostarieis, por ventura, de ser condemnado a estar doente quinze dias cada anno, privado, durante esse tempo, de trabalho e de salario?

Pois contai bem, e achareis que uma hora perdida cada manhã equivale no fim do anno a esse castigo. Se perdeis uma ainda cada tarde, adiantando sem nece ssidade a hora do descanço, adquirireis voluntariamente o mesmo mal que vos cauzaria uma doença de mez.

Os dias são a moeda da vida; com vintens se fazem tostoens, e com tostoens mil reis; mas o perdido è como senão existira. O tempo passado não torna a vir; porque o passado assemelha-se a um abysmo d'onde jamais se pode tirar o que ali cahe: sentido pois com elle! Não ha artifice, por mais habil que seja, que possa concertar um dia mal empregado, ou cão de busca, por melhor ensinado, que possa achar uma hora perdida. Quem é prudente não deixa escapar o tempo sem d' elle tirar todo o proveito possivel.

Eis-vos no trabalho, mui bem; mas porque motivo não tendes à mão todas as ferramentas e utensilios necessarios? Vêjo-vos ir e tornar a cada instante, procurando, e impacientando-vos continuamente! Se tivesseis tudo em ordem, ja isso vos não aconteceria. Ignorais por ventura o proverbio que diz: *Para cada cousa seu logar, e em seu logar se acharà cada cousa*? E' o unico meio de poupar trabalho e zanga. O tempo que se gasta em arrumar nunca è perdido, ganha-se pelo contrario cento por cento; porque è necessario dobrado tempo para pro-

curar do que para arranjar. O que està em seu logar nunca se pode perder, e do desarranjado ao perdido o caminho è curto.

Mas o que è isso? Estavas a cantar, e de repente entristeceste!—Será por ventura a vista d'esses ociosos, que passão pela rua, que em ti produz um tal effeito? Meu amigo, antes de invejar a sorte dos outros è necessario ao menos conhece-la.—Sabes acaso se elles não podem pelo contrario invejar a tua? Sabes se um passeia os negros cuidados, que toda a noite o não deixárão dormir? Se outro è victima d'uma ambição devoradora, que nunca pode contentar? Sabes se esse que tanto admiras pela sua magnificencia, pelo seu ar de importancia, não se verà amanhã despojado de tudo quanto hoje o faz brilhar? *Nem tudo o que luz è ouro.* Se ao rico e poderoso são necessarias tantas seges e cavallos, è porque os cuidados, que com-sigo traz, custão a arrastar.

Dormis em paz, em paz ganhaes de que satisfazer as vossas necessidades, não sois por ventura mais rico e feliz do que esses, que quasi nunca tem sufficiente para contentar as suas? Vêde essa pobre mulher carregada de filhos, que pede esmola; pois se quizerdes beber um copo de vinho de menos cada dia, e trabalhar uma hora mais, podereis ainda dar-lhe uma fatia de pão, e impedir que ella e seus filhinhos morrão de fome. De que podeis pois queixar-vos?

Deve julgar-se feliz e rico, meu amigo, aquelle, que depois de satisfazer todas as suas necessidades razoaveis, pode ainda dispor d'um vintem, com honra ganho. Se existe alguem no mundo que não podeis encarar, muito vos lastimo; mas se pessoa alguma ha que possa fazer-vos abaixar os olhos, torno a repetir, são os outros que podem invejar a vossa sorte.

Sede prudente, tirai do tempo todo o proveito possivel, economizai o vosso ganho, afim de poderdes obstar aos acontecimentos imprevistos, e não só nunca sereis victima da inveja, d'esse veneno corrosivo, que destroe ao mesmo tempo a alma e o corpo, mas gozareis da paz de espirito, inestimavel bem, que o rico e o poderoso nem sempre possuem.

Amanhã è dia de descanço; como è que empregareis esse dia ? Fazei bem attenção, que o descanço e a ociosidade não são a mesma cousa. O descanço è util, necessario, honroso, quando elle sobre tudo è fructo do trabalho; mas a ociosidade nunca pode ser boa, e è causa de mil males. Pode obter-se o descanço, variando as occupaçoens, dando agradaveis passeios, entretendo-se com jogos, que dem exercicio ao corpo e ao espirito; e não, como ordinariamente se faz, passando o dia à comer e a beber, a jogar jogos de parar, a dizer mal do proximo, a entreter-se com os negocios alheios, e em perigosa devassidão. (*)

(*) Na fábrica de vidros da Marinha Grande, ao pé de

Aquelle que se liga com a ociosidade toma a seu cargo cinco filhos, que ella ja tinha, e que d'ella são inseparaveis : o jogo, a intemperança, a curiosidade, a indiscrição e a maledicencia ; sem contar com os que ella poderà ainda produsir, e que não serão por certo de melhor casta. Mas d'estes só, sobeja è a carga; um d'elles apenas basta para conduzir o pai adoptivo à enxóvia, ou pelo menos ao hospital; porque è ali que acabão os loucos, os cobardes e os malvados.

Não è, com effeito, um louco aquelle que vai confiar ao jogo o que tanto lhe custou a ganhar com o suòr de seu rosto? Não è cobarde aquelle que pre-

---

Leiria, havia um theatro, mandado construir por seu primeiro e digno proprietario Guilherme Stephens, para divertimento dos empregados da dita fábrica nos domingos e dias santos. No pano de boca lião-se estas palavras : *Descança ; porque trabalhaste* ; palavras sublimes, verdadeira deviza da Industria, o descanço sendo, em verdade, a mais doce e digna recompensa do trabalho.

Este verdadeiro philantropo não poupava nada, segundo me disserão, para afastar do seu pequeno dominio todos os males e desordens, filhos da ociosidade. Alem da mais sevéra moral, que fazia observar entre os seus subordinados, tinha mestres de musica, de declamação, de dança, etc. adjuntos á fábrica, para instruir os seus empregados nos dias de repouso. Mas o que parecerá extraordinario é que, gente, ordinariamente reputada tão grosseira, preferia estes decentes recreios ao vil emprêgo, que seus semilhantes n'esses dias de ordinario dão ao tempo.

fère dever ao acaso o bem, que poderia com certeza adquirir, se com honra e efficácia trabalhasse? Não è louco aquelle que, sem fome ou sede, vai consumir em comer e beber, com prejuizo da sua saude, aquillo de que no dia seguinte terà necessidade, quando a fome e a sede o acometterem? Náo è cobarde e malvado aquelle que devora com-sigo só, e n'um instante, os recursos, que farião subsistir durante muitos dias sua mulher e seus filhos? Não è louco aquelle que, despresando os seus negocios, vai intrometter-se, sem utilidade alguma, nos alheios? Não é cobarde o que procura ardiloso saber o segredo de seu vezinho para depois o divulgar, publicando com delicias o mal que d'outrem assim pôde descobrir?

E, por pouco mais que analizemos a progenitura d'esta mãi demasiado fecunda, chamada *ociosidade;* se passarmos revista aos filhos de seus filhos, veréis desfilar uma cohorte immensa de vicios e de crimes que vos horrorizará.—Eis o jogo, acompanhado por seus filhos, a má fè, o roubo, o assassinio e o suicidio; porque aquelle que se confia na fortuna, e a fortuna atraiçoa, não se confia depois senão na fraude e na violencia, não tendo contra a deshonra outro recurso mais do que a desesperação.—Eis a intemperança, acompanhada da colera e da inpudicicia; porque o intemperante aliena voluntariamente a sua razão, maltratando assim o que devia amar e prote-

ger, ultrajando o quc devia respeitar.—Eis a curiosidade, seguida da dissimulação e da mentira ; porque o curioso vive de mystérios e de enganos. —Eis a indiscrição e a maledicencia, dando a mão á odiosa calumnia ; porque aquelle que não pode deixar de dizer mal, ve-o aonde elle não existe, inventando-o, quando o não pode descobrir.—Eis, em fim, toda essa horrivel gèração de odios, de vinganças e de crimes, de que poderà preservar-nos a prudencia, a moderação e o trabalho.

Mas nem só estas virtudes bastão para evitar os males que acabo de enumerar; é necessaria tambem a força, que produz o bem, e que ensina a supportar o mal que não podemos impedir.

A força é um gigante que tem tres braços, a coragem, a perseverança e a paciencia. Com o primeiro obra, com o segundo agarra-se, e no terceiro firma-se.

A corajem ! Mas isso, direis vós, é a virtude do soldado, que vai affrontar os perigos, as fadigas da guerra e as ballas do inimigo ! — Sim, por certo, a corajem é uma das principaes virtudes do soldado ; e, graças a Deos, não é essa que falta ao nosso; porem vejamos, se nós, em nossa pacifica condição, não temos tambem d'ella necessidade.

Sem ir mais longe, dentro em nós mesmos, que

quantidade deviso de terriveis inimigos, para cuja victoria será necessario desenvolver não pequena coragem!! — Em primeiro logar, eis a preguiça, prompta a obstruir-nos o caminho a todas as nossas emprêzas. Vem depois as suas alliadas, a vaidade, a dissipação, a teima, a loucura; e, por pouco que indague mais, acharei um exercito formidavel de inimigos, que será necessario combater a cada instante, se quizermos executar alguma cousa boa e util.

E' mesmo necessario combater as difficuldades mais ou menos fortes que toda a emprêza ao principio apresenta; a perseverança sendo para isso a virtude mais necessaria. Tenho visto optimas cousas começadas, mas poucas acabadas. Ha tal que nunca vio o fim a cousa alguma boa que emprehendeo. Aquelle que tudo começa, e nada acaba asseme-lha-se ao cão de câça, que a cada instante larga um rasto para entrar n'outro. O inconstante soffre as incommodidades e dissabores que toda a emprêza ao principio offerece, sem jamais gozar das vantagens; arranha-se para arrancar os espinhos, sem nunca ter a satisfação de colher a flôr. De que serve lavrar a terra, se se lhe não confia a semente? E' necessario que o fêio bixó da sêda acabe até ao fim o seu casulo, se quer transformar-se em linda borboleta. Se a galinha se cança de estar no choco, como poderá depois ufanar-se com os seus pintainhos?

Conseguirá sempre bom resultado aquelle que, antes de emprehender alguma cousa, examinou se ella era possivel, dizendo depois com-sigo resoluto: *Quero cumpri-la*. Sabeis qual é a alavanca mais forte que existe? E' a vontade. Com ella aprende-se o que antes se não sabia, executa-se o que se não podia. E' uma varinha de condão, que faz apparecer os recursos, e desaparecer os obstáclos. Noventa e nove vezes de cada cem, geralmente fallando, a impossibilidade não è senão fraquêza de vontade. Sabei pois bem querer, e não achareis impossibilidades; mas è necessario querer constantemente; porque, se se deixa escapar de repente a alavanca, o pêzo cahirá e esmagar-nos-ha. Porque agradão tanto as flores das arvores? E' porque ellas nos dão esperança de bons fructos; mas notai uma cousa, que os fructos não podem ser bons e perfeitos, se se não deixão amadurecer naturalmente e sem arteficio.

Da mesma maneira, se quizerdes que o vosso trabalho seja bom e proveitoso, é necessario que a vossa vontade, ardor e constancia sejão verdadeiras e naturaes; o cavallo, que necessita esporas, não ganhará, de certo, o premio na carreira.

Se seguirdes os meus conselhos, vereis que a maior parte das dificuldades se aplainarão, excepto se a Providencia tiver ordenado o contrario. Com effeito, se a vontade de Deos é de experimentar-nos n'este mundo, toda a resistencia

da nossa parte será não só inutil, mas culpavel; a paciencia e a resignação é n'esse caso o unico re-remédio. Que opporeis á doença, ou á disgraça? Se por alguma falta, incorresteis a punição das leis, ou a dos vossos superiores, que ganhareis em revoltar-vos? Se, apezar de todos os vossos esfórços, a fortuna continua a ser ingrata, que poderá contra ella a vossa cólera e desesperação? O álamo, que se dobra á tempestade, torna a levantar-se; mas o inflexivel carvalho é arrancado pela raiz. Aquelle que se obstina a trincar a pédra que no prato achou, só obtem por fim quebrar os dentes. Quando o vento é contrario, sò bordejando o navio pode avançar; mas em uma calmaria pôdre todas as manóbras são escuzadas. Paciencia! Esperemos que o favoravel vento sópre. Mas, se elle tarda, direis vós, vamos todos morrer de fóme; porque as provisoens estão acabadas. Paciencia! responderei eu ainda; porque não podemos commandar aos elementos.

Fallei-vos dos vicios, e como é que elles engendrão outros; é necessario dizer-vos agora como é que as virtudes produzem outras virtudes. Eis a filha da força, a paciencia, que vem a ser mãi da esperança e da resignação. A Esperança! Qual de vós, ó meus amigos, como a maior parte dos homens, não tem achado n'ella muitas vezes o seu unico refugio? Sabeis o que é a esperança? Uma

tàboa n'um naufrágio, uma luz nas trévas, uma voz humana no deserto, um bom amigo na disgraça, um sorrizo de vosso filho agonizante, e, sobre tudo, a idéa d'um Deus justo e clemente na hora derradeira! Eis a Esperança, esta inseparavel companheira do homem, de que elle tanto necessita em suas misérias, e que a mais consoladora e sublime das Religioens constituio em virtude. A Providencia disse: *Ajuda-te, que eu te ajudarei*, aconselhando-nos assim a corajem e a perseverança; mas tambem disse: *Sabe soffrer o que não podes impedir*, prescrevendo-nos ao mesmo tempo a resignação e a paciencia.

Notai bem uma cousa, que na resignação tudo é proveito. O mal supportado com doçura, fica ja diminuido de metade, no em tanto que a impaciencia o duplica e mais o envenena. O cavallo que quer sacudir a sua carga, não faz senão desarranjar o equilibrio, ficando peór do que estava d'antes, e ferindo-se; no em tanto que o pacifico camêllo atravèssa socegadamente o deserto com a sua, acostumando-se a ella, como se tivera de mais uma corcóva.

O gotôso não se cura com o amaldiçoar a gota; é o socêgo que só pode adoçar seu mal.

Muita gente confunde a resignação com a fraquêza; eu acho, pelo contrario, que ella deve considerar-se como um verdadeiro acto de corajem. Lêio sempre com emoção esta anadocta: Um sèlvagem,

vogando na sua canôa lá n'um rio dos seus desertos, vio-se de repente levado a um abysmo pela rapidez da corrente; o disgraçado poz-se lógo a remar com todas as suas forças para vêr se podia escapar ao perigo; mas observando bem depressa que todos os esfórços erão baldados, recolheo os remos, e deitou-se, resignando-se assim á sua sorte inevitavel.

Sigamos o exemplo do sélvagem: lutar com vigôr em quanto se conservão esperanças; tranquillamente resignar-se quando ellas de todo acabão.

Em resumo, meus amigos, se fordes prudentes em vossos pensamentos, palavras e acçoens, moderados em vossos dezêjos, sobrios e económicos em vossos prazeres, podereis evitar a maior parte dos males que tanto affligem os outros homens. Se fordes pacientes na dôr e na adversidade, mitigareis ao menos os males inevitaveis, a esperança vos sustentarà, e Deos tomará em conta a vossa resignação.

CAPITULO II.º

A Jurisprudencia

DE

JOSE DE FARO.

Quando exercia o meu limitado commercio ambulante no Algarve, em que adquiri mais amigos do que fortuna, os meus compatriotas, em quasi todas as terras por onde passava, tinhão a bondade, não sei por que, de consultar-me nas suas demandas e negocios, dando mais crédito e confiança aos meus conselhos do que aos dos proprios Lettrados.

Verdade seja que eu seguia um caminho inteiramente opposto ao d'esses senhores. Em primeiro logar, os meus conselhos erão sempre gratuitos, no em tanto que os d'elles são vendidos a pêzo de ouro. Os meus tinhão sempre por fim evitar, ou acabar com as demandas; os d'elles não tendem, naturalmente, senão a excitá-las, entrete-las, ou intrincá-las.

Seja o que for, esta confiança com que me honrávão, impondo-me certos deveres, julguei-me obrigado, para a ella corresponder como cumpria, a adquirir alguns conhecimentos que me faltavão. Este pequeno estudo, as refléxoens que elle me suggerio, a experiencia que me deo a prática, fizèrão-me formar pouco a pouco, e à minha moda, uma espécie de Jurisprudencia mui simples, com que sempre me achei bem, e todos aquelles que em mim tem querido confiar-se. Julguei, por tanto, fazer serviço aos meus compatriotas, publicando estes meus principios de Jurisprudencia, afim de que, aquelles que quizerem, possão d'elles a proveitar-se.

Mas parece-me estar ja vendo o sorriso de escárneo e de desdem que os senhores doutores darão ás minhas pretençoens. Não importa, rião muito embora. Não fallarei por certo em *Pandéctas*, nem citarei *Grego*, ou *Latim*; porque, se é necessaria tanta sciencia para fallar de Justiça, pouca basta para a executar, e é a isso que tendem principalmente os meus conselhos. Estejão pois descançados os senhores Jurisconsultos que não me intrometterei no seu officio; aconselharei sómente, que se lhes poupe todo o trabalho possivel.

Conheci um excellente médico que dizia: é mais facil prevenir as doenças do que curà-las. O mesmo digo eu das demandas; é muito mais fàcil evitá-las, do que sahir d'ellas, uma vez come-

çadas. Quereis viver em paz, conservar a vossa tranquillidade e fortuna? Evitai duas cousas: as demandas com os individuos, as querélas com a sociedade. São estas as principaes bases sobre que se fundarà toda a minha Jurisprudencia.

A primeira necessidade do homem é de não soffrer o mal; o seu primeiro dever, por conseguinte, é de o não fazer aos outros. O nosso primeiro artigo de Jurisprudencia será pois este: *Não faças aos outros o que não quererias que te fizessem.*

Quereis gozar em socêgo da vossa honra, dos vossos bens e dos vossos direitos? Respeitai a pessoa, os bens e a honra de outrem; porque o cão que mordeo será mordido.

Lembrai-vos d'uma cousa, que os máos tratamentos e as injurias só dão direito e razão a quem as recébe. A razão do mais forte só prevalece um momento; porque ha uma mão ainda mais forte do que a d'elle, a da Justiça. O lobo pode devorar o cordeiro; mas lá vem o pastor que lhe pedirá contas. Se os direitos do vosso vezinho vos offuscão, ou incomódão, não são os ultrajes e violencias que a isso remediarão; pelo contrario, agravareis mais o vosso mal, dando-lhe armas contra vòs. Uma explicação pode prevenir uma desavença; mas as injurias e as pancadas nunca podem ser boas para cousa alguma. Não é com um cassete que se pode concertar louça, ou com

gritos que se pode afinar um instrumento; mas sim, ajuntando com todo o cuidado os bocados d'uma, e escutando os sons do outro. Contribua cada um com a sua parte, e ja as cousas n'este mundo irão melhor. Cedamos isto para obter aquillo, é o unico meio de viver em boa harmonia. Os fructos, que estão muito juntos na arvore, tirão uns aos outros o ar e o sol, e não podem amadurecer; mas os que se não offendem entre si, desenvolvem-se e tornão-se excellentes. Façamos o mesmo, e cada um gozarà em paz dos seus direitos; porque, torno a repetir, a cólera e a violencia são provas de egoismo e de invéja, mas não de justica.

A unica força que sempre tem razão, meus amigos, é a da verdade. O que é sincéro, é poderoso; o que quer enganar, é fraco; a boa fé anda sempre em companhia com a franquêza e o direito, no em tanto que a falsidade tem um ár acanhado e encuberto, que por fim dá a conhecer-se. Só o homem de bem e virtuso é que pode ser sempre franco e sincèro, porque não tem nada que tema occultar; mas o intrigante, e todo o que concébe e executa uma má acção ou designio, não pode passar sem mentir. A nossa franquêza e sinceridade, porem, não devem levar-se ao ponto de despresarmos todas as cautélas, que a prudencia prescréve para não sermos victimas do vicio, ou do crime. Podemos

fiar-nos nas festas do cão, mas devemos ter cuidado com as do gato.

Preguntar-me-heis, sem duvida, porque motivo vos fallo em sinceridade, quando estava tratando do respeito que aos outros deviamos, se queriamos ser respeitados. E' porque o engano e a mentira são, segundo o meu parecer, não só os vicios mais baixos e vis, mas a maior afronta que se pode fazer aos outros homens. Perdôo mais depressa á ave de rapina que vem de dia, e á minha vista, empolgar um dos meus pintainhos, do que á traidora fuinha que vem desangrá-los durante a noite.

E como todos os nossos deveres e interesses se encadeião, isto me conduz a fallar-vos do respeito devido á propriedade alheia.

Sei muito bem que pode custar o vêr tanta gente, que nada faz, nadando em superfluas riquêzas, no em tanto que outros, apezar de todo o seu trabalho, não tem ás veses mesmo o necessario. Mas, se refléctirmos bem, veremos que cada um de nós sempre possue alguma cousa, ainda que não seja senão o que traz sobre o corpo, cuja posse não gostaria lhe disputassem; sentimento tão natural aos homens, como aos animaes. N'estes chega ao ponto de quererem uns amparar-se da propriedade dos outros; mas no homem, dotado de razão, e que tem a consciencia do justo e do injusto, é acompanhado do respeito devido á pro-

priedade alheia. Aquelle que falta a este respeito expõe-se aos castigos, á vingança e à infamia.—Gostarieis, por ventura que outrem se amparasse da vossa cabana, do vosso bòte, da vossa vinha, ou da vossa loja? Pois respeitai o palacio, as quintas, e as outras grandes propriedades do rico; porque, se não tendes palacio, nem quintas, tambem ha outros que não tem nem bóte, nem vinha, nem cabana. Estes mesmos, porem, ainda possuem alguma cousa, o que ganhão com o suòr de seu rosto, ganho sagrado que faz a sua unica propriedade, e que aquelle que os emprêga deve exactamente pagar-lhes, ficando aliás responsavel, senão diante dos homens, diante de Deos, de todos os males que d'isso possão resultar. O cavallo que trabalha tem direito á sua ração, e, se se lha não dá, cobiça e rouba a do seu vezinho.

O que cada um adquirio pertence, depois da sua morte, a seus filhos, ou a seus outros herdeiros, aquem quiz deixá-lo. Isto è justo; porque os ramos vivem das raizes, que o tronco deitou. Não vos admireis, por tanto, se um tal possue grandes bens, sem nada ter feito para isso; seu pai, ou seu avô os ganhárão com o seu trabalho, ou serviços, pertencendo-lhe assim legitimamente. Em logar de contestar-lh'os, ou invejar-lh'os, procurai assegurar a mesma sorte a vossos filhos. E' esta perspéctiva que deve dar a maior corajem e ardôr, e que mais

pode excitar o engenho e a industria. Sem ella, metade das obras humanas se não teria executado; sem ella, para que serviria gastar tanto na construcção d'uma sólida caza, quando temos tão poucos annos a viver? De que serviria plantar arvores, de que se não verá o fructo nem a sombra? Faz-se tudo isto, porque o devemos deixar a nossos filhos, ou á quelles que estimamos.—Sabeis qual é a maior differença que existe entre o homem e o animal? E' que o animal reproduz-se, e o homem continua-se. O pôtro, o bezerro, o burrinho, etc. tudo são novos individuos, inteiramente estranhos a seus pais, uma vez que de seus serviços podem escuzar-se. O meu filho è outro eu, que me succede, e a quem transmitto o meu nome, os meus bens, a minha reputação, a minha honra, os meus titulos, a minha gloria mesmo, se tanto fui capaz de adquirir. O que lhe deixo, por tanto, deve ser tão sagrado em suas mãos como o era nas minhas.

Muita gente tem uma facilidade extraordinaria em esquecer-se que o emprestado não é seu, e que deve por fim restituir-se. Infelizmente para elles, os crédores tem, de ordinario, melhor memoria, e vem-se fazer lembrar quando menos se esperão. E' esta uma das perennes fontes que alimentão o turvo rio da chicana. Quereis saber quaes são os meios de o evitar? Ei-los aqui: ——

Quando se trata de pedir emprestado, devemos lembrar-nos de duas cousas: a primeira, que é necessario pagar, e que a exactidão é filha da probidade e mãi do crédito; a segunda, que o emprestimo é como uma espécie de cabresto que se põe na cabeça do devedor, cuja corda o crédor guarda em suas mãos; ou, por outra, que o devedor é uma lébre, cujo rasto nunca o nariz do crédor perde.

Quando se trata de emprestar, deve fazer-se attenção a tres cousas: a primeira, que é necessario cheirar a lebre, e metter bem o cabresto, isto é, saber a quem se empresta, e tomar as convenientes seguranças; a segunda, que fica perdida a arvore de que se quer tirar demasiado fructo, isto é, que o dinheiro emprestado com mais juro do que a lei permitte corre risco de se perder; a terceira, que nimguem é senhor senão da sua bolça, isto é, que é louco o que se obriga por mais do que possue.

Fica bem entendido que não fallo aqui senão dos emprèstimos de negócio, e não d'esses que a amizade e a beneficencia faz, muitas vezes quasi com a certeza de nunca se ser pago, mas só pela satisfação de poder ser util.

E' necessario respeitar a propriedade alheia até nas mais pequenas cousas. Uma espiga de trigo da seára do vezinho, um cacho d'uvas da sua vinha, uma laranja do seu pomar, não nos pertencem mais do que a colheita inteira.

Bem ma escusa é essa : *Ora o que é isto?* Se todos dissessem outro tanto, bella novidade teria o propriatário! Estas duas palavrinhas *meu* e *teu* valem mais do que a sua pequenhez representa; são duas fortes muralhas, cuja extensão é immensa, e sem as quaes não haveria nimguem seguro. *O teu* é a muralha que defende a caza, as terras, a mulher, os filhos, os criados, os móveis, as riquêzas, ou a pobreza do vezinho, muralha sagrada em que nunca devemos tentar de fazer brécha; porque não gostariamos que viessem atacar *o meu*, e amparar-se do que elle contem.

Mas eis o momento de fallar d'uma outra propriedade, muito mais preciosa e sagrada ainda que estes bens materiaes que acabo de enumerar, quero dizer, da honra.

A honra é, com effeito, a maior riquêza que o homem pode possuir; porque aquelle que a conserva depois de perder as suas outras, pode ainda consolar-se, e mesmo reparà-las; mas a perca da honra è irreparavel, e todas as riquêzas do mundo não poderião resgata-la. Atacar um homem em sua honra é pois fazer-lhe maior damno do que ataca-lo em seus bens; por isso, o calumniador e o maldisente são facinorosos mais temiveis que os proprios ladroens de estrada. Aquelles que os escutão e repetem os seus horrôres são tão malvádos como elles; porque os sinos não farião tanta bulha se o

ár lhes não transmittise os sons; nem o trovão faria tanto ruido, se os échos o não transportassem pelas nuvens. Mas não é a essa infame espécie, a quem a sociedade tarde ou cêdo faz justiça, que eu me dirijo; è aos meus honrados leitores que conselho o evitar em todas as occasioens as palavras e termos que possão atacar a honra de outrem; porque uma palavra diz às veses mais, e tem peóres consequencias que um máo proceder, Os aggrávos feitos ao interesse, ao amor proprio mesmo, tudo se pode desculpar e esquècer, mas à honra nunca; a lingua que a fere é como uma lanceta envenenada que se introduz no coração, cuja picada é mortal.

E' tambem aqui que devo conselhar-lhes de se absterem para sempre d'essas denominaçoens injuriosas de partidos, que só servem a conservá-los, irritando-os uns contra os outros, e perpetuando assim a desunião, os ódios e as vinganças. Assaz tem soffrido a patria por taes partidos, para que lhe demos um momento de descanço.

São estas, em parte, as obrigaçoens que os individuos se devem entre si na sociedade; vejamos agora quaes são as que elles devem á sociedade em geral, e passemos á outra parte da minha Jurisprudencia.

Quando se forma uma companhia ou associção

de particulares para qualquer género de empreza ou negocio, estipulão-se condiçoens e regulamentos, pelos quaes cada membro conhece quaes são as suas vantagens e encargos. O mesmo aconteceo no principio das grandes sociedades ou dos Estados; com pequenas excepçoens d' alguns, que se formárão á maneira d'esses rebanhos agrestes, que o feroz caçador do deserto ajunta, e de que, segundo a sua vontade, dispõe; systema de governo, que não é de admirar alguns d'elles ainda hoje conservem, pois que nunca conhecerão outro. Não foi, porem, assim que teve logar a nossa; houve, desd'a sua origem, uma Constituição fundamental da Monarchia, feita e decretada por nossos mayores em sua primeira Assembléa de Lamêgo, Constituição, cuja sabedoria ainda hoje è admirada e seguida pelas modernas Sociedades. Foi ahi que os primeiros Portuguezes escolherão para seu Chefe o mais valente e virtuoso d'entre'elles, marcando-lhe as suas prerogativas, deveres e encargos, como aos demais membros da Sociedade. Com o andar dos tempos, pela degeneração das virtudes, que tanto distinguião esses respeitaveis Vesigódos, nossos avós, e por mil outras causas, que seria tão longo como intempestivo indagar e enumerar aqui, deixàmos perder tão bellas Instituiçoens, tornando-nos, de livres e felizes cidadãos que éramos, em miseràveis escravos!

Tal era a nossa triste sorte, quando um digno descendente d'esse Primeiro Heroico Affonso, que, apezar das suas victorias, dos vòtos do seu exército e do pôvo, só quiz tomar o titulo de Rei depois da Assembléa geral da Nação lho ter confirmado, e de ahi jurar, por si e por seus descendentes, de respeitar sempre e defender os privilégios da mesma Nação, veio, digo, no momento da sua exaltação ao throno, restituir-nos, amplificadas e melhoradas, essas livres e salutares Instituiçoens, das quaes ha tanto havia estávamos privados. Apenas, porem começávamos a saborear tão doce bem, que de novo a perfidia e a cobardia veio d'elle não só despojar-nos, mas parece que resolvido o usurpador sanguinário a acabar com-nosco e com a patria! o que, sem duvida, teria feito, se segunda vez o nosso Augusto Libertador não viesse resgatar-nos. Graças mil Lhe sejão dadas, outra vez ainda gozemos das vantagens de Cidadãos livres!! Se conhecesseis bem, meus compatriotas, e soubesseis avaliar estas preciosas vantagens, não as terieis tão facilmente perdido. Guarda-se sempre bem o que se aprecia, e sabe-se corajosamente defender o que se estima.

Reservando para o capitulo seguinte o explicar-vos mais em detalhe as grandes vantagens que nos resultão da Carta Constitucional, que O SENHOR D. PEDRO IV. nos outorgou, só fallarei agora

de duas das mais principaes, que devem ter logar aqui, isto è, das duas grandes prerogativas que a Carta nos concede, de sermos nós mesmos nossos proprios Legisladores, e Juizes, funcçoens assaz importantes, para que tenhamos o maior interesse em bem conhece-las e executa-las.

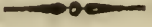
Se nem a todos è dado o exercer as altas funcçoens de Legislador da Pátria, quasi todos ao menos podemos ter parte na sua eleição, e è da boa ou má que fizermos que dependerá a nossa felicidade; toda a nossa attenção, por tanto, será pouca para executar um dever tão melindroso. Tomai principalmente cuidado com os intrigantes, que n'essas occasioens não faltão; guiai-vos sò pela vossa razão e consciencia em tão importante escolha. Se conheceis algum dos vossos compatriotas, não precisa ser do vosso logar ou da vossa provincia, que esteja no caso que a lei exige para ser eleito deputado, isto é, que tenha de renda por anno quatrocentos mil reis, por bens de raiz, industria ou emprego, d'uma probidade conhecida, cujos bons principios não tenhão variado nas differentes crises por onde temos passado, homem instruido, prudente e experimentado, dai-lhe o vosso voto, e ficai certos que elle advogará e promoverá o vosso bem e o da patria, e não o seu, ou o do partido que tentasse corrompe-lo. Se as vossas relaçoens são curtas, e não conheceis pessoa alguma que reuna estas quali-

dades, adoptai o parecer d'alguem que mereça a a vossa confiança, e tereis assim dignamente prehenchido um dos vossos mais importantes deveres para com a Sociedade.

A outra prerogativa não menos grande que a Carta nos concede, é desermos julgados em nossas causas por nossos iguaes, *pares.* Conheceis bem, meus compatriotas, toda a extensão d'um tal beneficio? Teremos um Còdigo civil e criminal, onde todos os casos civeis e crimes serão especificados, e cuja guarda e execução nos è a nós mesmos confiada! Nossas vidas, nossa honra, e nossos bens ja se não verão sujeitos ao livre arbitrio de infames e corruptiveis juizes! Ja o insolente alcaide não virá atacar-nos impunemente em nosso domicilio sagrado, com o seu termo favorito *da parte d' El-Rei.* Lá está o palládio da lei que se lhes opponha, e diante da qual não haverá mais desigualdade, soborno e despotismo!

Este novo e rècto Tribunal chama-se *Jury*, e seus membros *Jurados*; a sua eleição faz-se da mesma maneira que para deputado de Cortes, sò com a differença que a lei não especifica qual deva ser o rendimento d'estes, como para os deputados, não excluindo assim d'ella cidadão algum, que esteja no gozo de seus direitos.

Quando ha alguma causa civil ou crime a tratar, ajunta-se o Jury, e tirão-se á sorte os juizes que

devem decidi-la, o que torna impossivel todo o soborno e parcialidade.

Se para exercer estas funcçoens não se precisão grandes conhecimentos, necessita-se, com tudo, de descernimento e d'uma grande rèctidão, afim de que não aconteça ficar o crime impune, e a innocencia opprimida.

Quando tomardes assento no banco do Jury, não tendes a fazer mais do que isto: Conhecer bem a causa ou o crime de que se trata; dar attenção ao depoimento das testimunhas; á defeza de cada uma das partes; e responder depois *sim* ou *nâo*, segundo a vossa consciencia, ás questoens que o Presidente vos fizer, sem vos importar com os resultados, seguindo essa máxima do justo: *Faze o teu dever, e acontecerá o que acontecer..*

Se os membros d'uma Sociedade bem governada gozão d'immensas vantagens, é justo tambem que para isso soffrão alguns encárgos. Taes são os impostos que cada um deve pagar para o sustento do Governo; das differentes administraçoens; dos estabelecimentos publicos; das pontes, estradas, canaes; escolas para a educação da mocidade; para pagar as forças de mar e terra, que nos defenderão dos inimigos internos e externos, que ousassem atacar nosso repouso ou nossa independencia; e para mil outros objéctos de geral utilidade. Mas estes mesmos ja se não farão tão pesados, sendo

justa e sabiamente repartidos, ecónomisádos, e seu emprêgo, por nós ou por nossos procuradores, cada anno publicamente examinado e fiscalisado. Quão longe vai d'isto à desordem, á injusta oppressão e á rapina, a que até agora estivémos sujeitos!

Eis a minha Jurisprndencia.—Sei mui bem quanto ella é curta, e seu estylo pobre; mas para guiar de noite o viajante nem sempre são necessarios grandes fachos, uma pequena luz pode ás veses servir ao mesmo fim.

CAPITULO III.º

A Politica

DE

JOSE DE FARO.

Não sou eu o primeiro certamente que faço esta observação, que nos paizes aonde ha governos representativos, demasiada gente se intromette a fallar de Politica, tendo d'isso tanta idèa como um cégo tem das cores, ou um surdo dos sons, e perdendo assim seu tempo, que podião empregar em cousas para elles de maior utillidade.

A carapuça que aqui talho, confesso, tambem pôde por algum tempo servir na a minha cabeça; mas pelo bom habito em que me puz de examinar cada dia as minhas acçoens e conducta, a tempo pude ainda curar-me detal mania, fazendo com-migo as seguintes reflècçoens: Alto-lá, José! Para discorrer sobre qualquer matéria è necessario primeiramente conhece-la; por que não ha senão os ignorantes ou os impóstores que fallão descara-

damente do que não sabem, julgando-se grandes sabichoens sem nunca ter nada aprendido. Vejamos se sabes ao menos definir a palavra Politica— Politica é, se não me engano, a arte de governar.— Mui bem; mas pregunto: lembrar-se-hão nunca de fazer de mim, pobre bofarinheiro, um Ministro d'Estado, ou um Embaixador?—Não me parece muito provavel. Pois então, para que hei d'eu gastar o meu tempo em estudar uma sciencia, (se quizer fallar d'ella como todo o homem sensato deve fallar das cousas) de que nunca terei necessidade? Que me importa saber como se maneja o leme, se nunca devem confiar-mo?

Com tudo, eu indo tambem na barca, devo interessar-me a que ella va direita, e se não perca. Se ha uma sciencia da Politica para os governantes, não haverá tambem uma para os governados, que lhes ensine a auxiliar os esforços d'um bom governo e a gozar das vantagens que elle offerece?

Depois de ter por muito tempo meditado n'isto, achei que esta sciencia existia, e que só faltava reduzi-la a um simples compendio, ao alcance de todos. Appliquei-me desde logo a este trabalho, com a esperança de vos ser util, meus caros compatriotas! Possa a minha Politica ser de vòs não só bem entendida, mas constantemente seguida; e assaz recompensado ficarei com as vantagens que todos d'ella tirareis.

Os principios fundamentaes da minha Politica popular reduzem-se a estes:

Amar a Patria; a Senhora D. Maria II[a], nossa legitima Soberana; a Carta Constitucional, dada por Seu Augusto Pai; ter união; e trabalhar.

Passo a demonstrá-los.

Amar a Patria.

Se eu me dirigisse aos habitantes da *Groen-Landia*, aos *Eskimàos*, aos *Laponios*, aos *Samoyédas*, ou a quaesquer outros d'esses miseraveis pòvos, que vivem debaixo dos eternos gêlos do Norte, que habitão um sòlo aonde nunca se vio verdura ou flores, que sò, durante metade do anno, gozão da luz do dia, se lhes fallasse, digo, do amor da patria, faria ainda palpitar seus coraçoens enregelados, e reanimaria suas faculdades adormecidas. Mas è aos meus Concidadãos que me dirijo; é a teus filhos, bella e gloriosa Luzitania! terra desde a mais remota antiguidade conhecida pelo valôr, honra, engenho, e independencia de seus habitantes! Que patria mereceo nunca como tu o amor de seus filhos? Mostra-lhes o teu céo sereno e puro, o teu saudavel e ameno clima, o teu rico e fertil sòlo; mostra-lhes as paginas da tua gloriosa historia; os tropheos de seus mayores; as táboas que hoje tens da lei mais justa e protéctora; e, se tantas bellas qualidades os não commóvem,

mostra-lhes, emfim, os teus membros dilacerados, o sangue ainda vertendo das profundas feridas, que *um filho ingrato e parrecida* ousou fazer-te, e pregunta-lhes depois: se querem amar-te e servir-te, se querem unidos indemnisar-te de tanto que tens soffrido ? . . Portuguezes ! sereis vós unicos surdos á voz da patria, e d'uma patria como a nossa ?

Qual é aquelle que não sente um prazer, uma felicidade interior, quando o seu paiz è rico e respeitado ? E, pelo contrario, não se acha triste e abatido, quando elle è pobre e humilhado ? Citaes, ufanos, o antigo esplendôr e gloria Portugueza ! Mas a que deveo principalmente Portugal esse logar imminente que occupou entre as naçoens ?—Ao patriotismo, e a todas as outras virtudes, que tanto distinguião seus habitantes. Em logar pois de vangloriar-nos dos nomes illustres de nossos antepassados, façamos melhor, sigamos seu exemplo, e Portugal serà ainda o que outr'ora foi.

A patria é a melhor e a mais generosa das mãis, quando seus filhos o merecem; mas, se elles a desprezão, torna-se terrivel madrasta, deixando-lhes por herança desprezo e mizeria. Portanto, o nosso amor para com ella não é só um dever, é o nosso interesse, è a nossa Politica.

Amar a Senhora D. Maria IIa, nossa legimita Soberana.

E' innato no coração dos Portuguezes o amôr para com seus Reis; e é talvez a esse seu natural respeito para com o sagrado nome de Rei, que o *tyrano sanguinario*, posto que usurpado, trazia, que se deva attribuir a sua longa paciencia a supportar tão ferreo jugo.

Ora, se tendes sempre mostrado, meus compatriotas, amôr, veneração e respeito a todos os vossos Reis, mesmo á quelles que bem pouco o merecião, serà acaso necessario recommendar-vos estes sentimentos para com a nossa legimita Soberana, a Senhora D. Maria IIa? Será necessario aconselhar a Portuguezes que amem uma joven Rainha, dotada de todas as graças de corpo e de espirito, a Filha querida d'uma Mãi Angélica, que o mundo por isso não podia muito tempo conservar, e d'um Pai, que, destinando-a desde o berço para fazer a nossa felicidade, lhe inspirou para isso não só todas as qualidades necessarias, mas um verdadeiro amôr aos Portueguezes, de que, mesmo em sua tenra idade, tantas provas nos tem dado? Que veses a vimos nos paizes estrangeiros, durante a usurpação da Sua Coroa, coberta de luto, e seus lindos olhos nadando em lagrimas a cada infausta noticia que da infeliz Patria lhe chegava! Preguntai a essa mul-

tidão de Portuegueses emigrados, que então tiverão a felicidade de a vêr, qual era a bondade, doçura e singeleza com que a todos tratava?

Sim, meus caros compatriotas, o Céo justo e clemente, querendo indemnizar-nos de tanto que temos soffrido, enviou um Anjo a governar-nos! Tributemos-lhe, pois, os nossos mais puros sentimentos de amôr, veneração e respeito, que por tantos titulos lhe são devidos.

Educada pelas mais sábias, virtuosas e destinctas personagens, conhece quaes são os altos destinos a que vai presidir, e, quando esse momento chegar, resoluta està a corajosamente sugeitar seus hombros delicados ao pêzo enorme do governo do Estado; para administrar a todos igual justiça; para proteger o fraco contra o forte; para encorajar as Artes e a Industria; para arrancar-nos, emfim, do miseravel estado, a que a desordem e a tyrania nos reduzirão.

Igual direito tem aos mesmos sentimentos da nossa parte o Augusto Pai da nossa Soberana, a quem tanto devemos. E, (cumulo da felicidade para coraçoens Portuguezes!) entre nós vem viver um objecto não menos digno do nosso culto, a Augusta Espôsa do nosso Libertador, a Encantadora Filha d'esse Heròe famoso, que a França, a Italia e a Allemanha, saudosas, ainda hoje chorão. Nem tambem devo aqui passar em silencio essa virtuosa

Princeza, cujo patriotismo é bem conhecido, e pelo qual Deos sabe o que soffreo do *tygre feroz*, que nem se quer seu proprio sangue respeitava !

Mas não é só do nosso dever conservar estes sentimentos, em nós naturaes e que tanta honra nos fazem, para com a Real Familia, è tambem do do noso interesse.

Quem ousarà atacar a Nação que è intimamente unida a seu Rei ? E como poderá o Rei executar as suas intençoens, por melhores que sejão, se não conta com o amôr e confiança de seus subditos ?

Fica, portanto, assim demonstrado um do principios da minha Politica.

Amar a Carta Constitucional, outargada pelo Senhor D. Pedro IV.

A felicidade d'um paiz depende principalmente das suas leis fundamentaes ; porque, sem bons alicerces, não pode haver sólido edificio. Poucas Naçeens podem hoje chamar-se tão felizes como a nossa a esste respeito. A Carta Constitucional que o Senhor D. Pedro IV. nos outorgou, e hoje felizmente consolidada, è obra de mais alta sabedoria , e que pode servir de base á mais elevada prosperidde d'uma Nação . ———— Que ella seja pois amada , respeitada , e defendida com as nossos vidas mesmo, se necessario for, esta

fonte pura d'onde só pode dimanar a nossa felicidade!

Não me cançarei em demonstrar a superioridade e vantagens d'um Governo justo e legal sobre o despótico e arbitrário; por que estou persuadido, que só o malvado, que prefére o seu interesse particular ao bem da Patria em geral, ou o idióta, que d'isso queirão, ou possão duvidar, e não é nem um, nem outro que eu pretendo convencer. Aos meus honrados leitores bastarà traçar-lhes um pequeno quadro comparativo d'um e d'outro systema de governo entre nós.

Não fallarei dos ultimos tristes tempos de anarchia, (para sempre de horrorosa memoria) em que não só *o tyrano*, mas todo o facinora que a capa de *Realista* enxovalhava, era senhor absoluto da nossa liberdade, nossa honra, nossa fazenda e nossas vidas!!

Fallarei sò dos tempos ordinarios e tranquillos do despotismo.

Examinai qual era a justiça que se administrava em quasi todos os tribunaes da Corte!—Vêde o pobre Juiz de Fóra, na Provincia, entrando para o seu logar só com a casaquinha em sima do corpo, e sahindo ricasso no fim de trez annos!—Vêde o infatuado e despotico Capitão Mór, prendendo para soldado, por sobôrno ou patronato, o filho unico,

apôio da triste viuva, deixando passeiar o vádio, perigoso à sociedade!—Véde . . . Mas poderei eu enumerar aqui todos os crimes e horrôres do despotismo? Que volumes serião necessarios para isso!

Comparai agora esta situação com aquella que *a Carta* nos promette no seu Artigo 145, que aqui transcrevo, e que tem por fim marcar e estabelecer d'uma maneira inviolavel os direitos civis e politicos dos Cidadãos Portuguezes, e decedi depois qual d'ellas merecerá o nosso amôr e preferencia.

ARTIGO 145.

A inviolabilidade dos Direitos Civís, e Politicos dos Ci-
"dadãos Portuguezes, que tem por base a liberdade, a
"segurança individual, e a propriedade, he garantida pela
"maneira seguinte:

§. 1. Nenhum Cidadão pode ser obrigado a fazer, ou
"deixar de fazer alguma cousa, senão em virtude da Lei.

§. 2. A disposição da Lei não terá effeito retroactivo.

§. 3. Todos podem communicar os seus pensamentos
"por palavras, escriptos, e publica-los pela Imprensa
"sem dependencia de Censura, com tanto que hajão de res-
"ponder pelos abusos, que cometterem no exercicio d'este
"direito, nos casos, e pela forma, que a Lei determinar.

§. 4. Ninguem pode ser perseguido por motivos de
"Religião huma vez que respeite a do Estado, e não offenda
"a Moral Publica.

§. 5. Qualquer pode conservar-se, ou sahir do Reino,
"como lhe convenha, levando comsigo os seus bens; guarda-

"dos os Regulamentos policiaes, e salvo o prejuizo de ter-
"ceiro.

§. 6. Todo o Cidadão tem em sua Casa hum asilo
"inviolavel. De noite não se poderá entrar n'ella senão por
"seu consentimento, ou em caso de reclamação feita de
"dentro, ou para o defender de incendio, ou inundação;
"e de dia só será franqueada a sua entrada nos casos, e
"pela maneira, que a Lei determinar.

§. 7. Ninguem poderà ser prezo sem culpa formada,
"excepto nos casos declarados na Lei, e n'estes dentro de
vinte e quatro horas, contadas da entrada da prizão, sendo
"em Cidades, Villas, ou outras Povoaçones proximas aos
"lugares da residencia do Juiz; e, nos lugares remotos,
"dentro de hum prazo rasoavel, que a Lei marcará, attenta
"a extensão do Territorio: o Juiz, por huma Nota por elle
"assignada, fará constar ao Réo o motivo da prizão, os no-
"mes dos accusadores, e os das testemunhas, havendo-as.

§. 8. Ainda com culpa formada, ninguem será con-
"duzido á prizão, ou n'ella conservado, estando já prezo,
"se prestar fiança idonea, nos casos que a Lei a admitte,
"e em geral, nos crimes, que não tiverem maior pena, do
"que a de seis mezes de prizão, ou desterro para fóra da
"Comarca, poderá o Réo livrar-se solto.

§ 9. A' excepção do flagrante delicto, a prizão não
"pode ser executada senão por ordem escripta da Authori-
"dade legitima. Se essta for arbitraria, o Juiz que a deo,
"e quem a tiver requerido serão punidos com as penas,
"que a Lei determinar.

"O que fica disposto á cerca da prisão antes de culpa
"formada, não comprehende as Ordenanças Militares esta-
"belecidas, como necessarias á disciplina, e recrutemento
"do Exercito: nem os casos, que não são puramente crimi-
"naes, e em que a Lei determina todavia a prizão de alguma

"pessoa, por desobedecer aos Mandados da Justiça, ou não
"cumprir alguma obrigação dentro de determinado prazo.

§. 10. Ninguem será sentenciado senão pela Au-
"thoridade competente, por virtude de Lei anterior, e na
"forma por ella prescripta.

§. 11. Será mantida a independedcia do Poder Judi-
"cial. Nenhuma Authoridade poderá avocar as Causas
"pendentes, suste-las, ou fazer reviver os Processos findos.

§. 12. A Lei será igual para todos, quer proteja,
"quer castigue, e recompensará em proporção dos mereci-
"mentos de cada hum.

§. 13. Todo o Cidadão pode ser admittido aos Car-
"gos Publicos, Civis, Politicos, ou Militares, sem outra
"differença, que não seja a dos seus talentos, e virtudes.

§. 14. Ninguem será isento de contribuir para as
"despezas do Estado, em proporção dos seus haveres.

§. 15. Ficão abolidos todos os Privilegios, que não
"forem essenciaes, e inteiramente ligados aos Cargos, por
"utilidade publica.

§. 16. A' excepação das Causas, que por sua natureza
"pertencem a Juizos particulares, na conformidade das
"Leis, não haverá Foro privilegiado, nem Comissões espe-
"ciaes nas Causas Civeis, ou Crimes.

§. 17. Organizar-se ha, quanto antes, hum Codigo
"Civil, e Criminal, fundadado nas solidas bazes da Justiça,
"e Equidade.

§. 18. Desde já ficão abolidos os açoutes, a tortura,
"a marca de ferro quente, e todas as mais penas crueis.

§. 12. Nenhuma pena passará da pessoa do delin-
"quente. Portanto, não haverá em caso algum confisção de
"bens, nem a infamia do Réo se transmittirá aos parentes
"em qualquer grão, que seja.

§. 20. As Cadèas serão seguras, limpas, e bem are-

"jadas, havendo diversas casas para separação dos Réos,
"conforme suas circumstancias, e natureza dos seus
"crimes.

§. 21. He garantido o Direito de Propriedade em
"toda a sua plenitude. Se o Bem Publico, legalmente
'verificado, exigir o uso, e emprego da propriedade do Ci-
"dadão, será elle previamente indemnizado do valor d'ella.
"A Lei marcará os casos, em que terá lugar esta unica
"excepção, e dará as regras para se determinar a indem-
"nização.

§. 22. Tambem fica garantida a Divida Publica.

§. 23. Nenhum genero de trabalho, cultura, indus-
"tria, ou commercio pode ser prohibido, huma vez que não
"se opponha aos costumes publicos, á segurança, e saude
"dos Cidadãos.

§. 24. Os Inventores terão a propriedade de suas
"descobertas, ou das suas producçoes. A Lei lhes assegu-
"rará hum Privilegio exclusivo temporario, ou lhes remu-
"nerarâ em resarcimento da perda que hajão de soffrer
"pela vulgarização.

§. 25. O segredo das Cartas he inviolavel. A Ad-
"ministração do Correio fica rigorosamente responsavel
"por qualquer infracçaõ deste Artigo.

§. 29. Ficaõ garantidas as recompensas conferidas
pelos Serviços feitos ao Estado, quer Civis, quer Militares;
"assim como o direito adquirido a ellas na forma das Leis.

§. 27. Os empregados Publicos saõ strictamente
"responsaveis pelos abusos, ou ommissões, que praticarem
"no exercicio das suas Funcções, e por naõ fazerem effecti-
"vamente responsaveis aos seus subalternos.

§. 28. Todo o Cidadâo poderá apresentar por escrip-
"to ao Poder Legislativo, e ao Executivo reclamações,
"queixas, ou petições, e até expor qualquer infracção da

"Constituição, requerendo perante a competente Authori-
"dade a effectiva responsabilidade dos infractores.

§. 29. A Constituição tambem garante os Soccorros
"Publicos.

§. 30. A Instrucção primaria, e gratuita a todos os
"Cidadaõs.

§. 31. Garante a Nobreza Hereditaria, e suas rega-
"lias.

§. 32.. Collegios, e Universidades, onde seraõ ensina-
"dos os Elementos das Sciencias, Bellas-Lettras, e Artes.

§. 33. Os Poderes da Constituiçaõ, no que diz respeito
"aos Direitos individuaes, salvo nos casos, e circumstan-
"cias especificados no §. seguinte.

§. 34. Nos casos de rebelliaõ, ou invasaõ de inimigos,
"pedindo a Segurança do Estado que se dispensem por tem-
"po determinado algumas das formalidades, que garantem
a Liberdade individual, poder-se-ha fazer por acto especial
"do Poder Legislativo. Naõ se achando porem a esse tem-
"po reunidas as Cortes, e correndo a Patria perigo immi-
"nente, poderá o Governo exercer esta mesma providencia,
"como medida provisoria, e indispensavel, suspendendo-a,
"immediatamente cesse a necessidade urgente, que a motivou,
"devendo n'hum, e outro caso remetter ás Côrtes, logo que
"reunidas forem, huma relaçao motivada das prizões, e de
outras medidas de prevençao tomadas; e quaesquer Autho-
"ridades, que tiverem mandado proceder a ellas, serao res-
" ponsaveis pelos abusos, que tiverem praticado a esse re-
"speito.

Um dos sophisticos argumentos de que os ini-
migos da ordem e da justiça se servem contra a
Carta, que só o que é justo e razovel permitte, é
que ella destróe a Santa Religião de nossos pais.

Não deis nunca ouvidos, meus amigos, a esses infames hipócritas, que se servem do Sagrado nome da Religião (porque sabem que todos nós a respeitamos mais do que tudo) para fazer-vos odiar essa fonte pura, d'onde dimanará a felicidade geral da patria, cohibindo as desordens e os abusos, que só a elles aproveitão. Um dos primeiros artigos da nossa Carta Constitucional, pelo contrario, è para manter intacta a Religião de nossos pais, nem outra cousa era possival em obra de tal sabedoria.

Não ha Legislador algum que deixe de conhecer a preciosidade da Religião, e que d'ella não faça uma das principaes bases do Estado ; . . mas não é este um objecto a tratar-se ligeiramente e de passagem; reservar-lhe-hei um capitulo separado.

Ter Uniâo

Se a discordia se introduz na colmeya, são os zangãos que do mel se aproveitarão; isto é, que uma nação, devidida em partidos, nunca jamais pode ser feliz. Detestai pois todos esses intrigantes, que procurão excitar entre vós os odios e os partidos, não lhe importando nada a felicidade da patria, vêndo unicamente se podem tirar algum proveito da desordem. Todos esses sophismas de que se servem contra o governo estabelecido, todas

essas differenças de opinioens que procarão propagar, são outros tantos meios, por elles inventados, para vos tornarem os instrumentos da sua ambição. Essa é a sua Politica; mas a nossa deve ser de nos não deixarmos enganar com os seus especiosos argumentos, e bellas promessas; disgraçado do rato que só vê a isca, sem fazer attenção á ratoeira. Uma amarra retem um navio; mas devedi em fios a amarra, uma mosca poderá quebra-los. Haja pois união entre nós, se queremos ser fortes e felizes.

A Sociedade é uma grande familia, que, em mais d'uma cousa, ás pequenas se assemelha. Quando irmãos contestão entre si a sua herança, não fazem com isso outra cousa mais que dessipa-la, não trabalhando, e entregando-se à Justiça e á chicana, que, parte ou toda, vem a devora-la. Vêde, pelo contraio, entre irmãos bem unidos, como tudo prospéra, e como augmentão, ou melhorão o seu patrimonio!

Viver, por tanto, como irmãos, e não como inimigos, deve fazer parte da nossa Politica.

Trabalhar.

O trabalho é o primeiro bem do homem, e o mais seguro meio da sua felicidade; é um precioso dever a que Pai de todos os homens sábiamente

sujeitou seus filhos; infeliz pois aquelle para quem o trabalho não è uma necessidade! E' o trabalho que faz a prosperidade das naçoens e a fortuna dos particulares; e é pela mais ou menos actividade dos habitantes d'um paiz, que se mede sempre a sua preponderancia e riquêza.

O trabalho procura não só todos os objectos necessarios e cómodos á vida, a força, a saude e a independencia; mas conserva a alma em uma actividade preciosa, que expulsa a ociosidade e todos os dezêjos desordenados; dá-nos aquella serenidade moral, sem que não pode haver virtude nem felicidade.

O homem laborioso e prudente não pensa só ao momento actual, economiza e ajunta para o futuro, calcula o instante em que não poderà trabalhar com a mesma actividade, prevê as doenças e infirmidades da idade avançada, e passa, por conseguinte, a vida tranquillo e feliz, sem se atormentar com os funestos e imprevistos acontecimentos, que tantas veses vem pertubà-la!

O preguiçoso vegeta na indolencia e na miséria, gastando em um só dia o que lhe seria sufficiente para muitos, e, semelhante a essas hordas vagabundas, vendendo pela manhã a cama, que á noite lhe será necessaria.

Os cardos e as ortigas crescem sem cultura; mas para haver trigo é necessario preparar a terra.

A misèria tambem è planta parasita, que sem cultura ou amanho cresce; mas a prosperidade só com trabalho e perseverança se obtem. Trabalhai pois, meus amigos, se quereis ser felizes; a fortuna é uma surda em quem as palavras não fazem impressão alguma, e que não entende, nem se sujeita a outra Politica que ao trabalho.

Eis meus caros concidadãos, a que se reduz o meu compendio de Politica. Até que outrem de mais talento do que eu se occupe de apresentarvos um melhor, estudai este, e praticai-o, que, por certo, vos não achareis mal.

CAPITULO IV.

A Medicina

DE

JOSE DE FARO

Nunca pretendi ser doutor em cousa alguma, e muito menos em Medecina; mas Deos, tendo-nos dado a todos uma parcella de razão, mais ou menos grande, é para que d'ella nos sirvamos, e eu acho que não ha cousa alguma a que a razão ou o senso commum não possa com proveito applicar-se.

Tendo observado que a maior parte das nossas infelicidades e disgraças provem quasi sempre da nossa loucura, julguei tambem que grande numero das nossas doenças e infimidades poderião mui bem attribuir-se à nossa desordem e extravagancia, e que uma Medecina, que ensinassa a prevenir taes males seria da maior utilidade. Occupei-me com

disvélo d'este trabalho, e é o resultado das minhas vigias e observaçoens que aqui vos offereço, com a esperança que d'elle tirareis algumas vantagens.

Mas se eu não pretendo ser doutor, tambem não quero passar por um charlatão; por que é gente que despréso tanto como a mentira, e temo tanto como o veneno. Por isso, não vos prometerei, que, com os meus pequenos preceitos, evitareis todos os males; 'nunca se devem pedir nem esperar cousas impossiveis. Quando tomais um guardachuva, não é para que elle vos defenda d'uma tempestade; mas d'uma chuva ordinaria. Da mesma maneira, a minha Medecina, não impedirá que a morte venha um dia vezitar-vos; mas poderà retardar essa terrivel vezita, e poupar-vos no em tanto muitos males.

Não sendo assaz habil para inventar algum methodo de apresentar a minha doctrina claramente, forçoso me foi procurar um modêlo. Ora, quando uma passoa se vê obrigada a adoptar o systema de outrem, por que não escolherá o melhor? E' por isso que adoptei o de Hippocrates, esse famoso Medico da antiguidade, cujo nome ainda os nossos doutores de hoje citão com respeito um suas obras.

Hippocrates escreveo os seus preceitos em forma de sentenças, ordinariamente chamadas *aphorismos*. Agrada-me infinito esta mancira; as cousas retem-se e comprehendem-se com mais facilidade; os bocados

pequenos mastigão-se, engolem-se, e digerem-se mais fàcilmente do que os grandes. Tal é o méthodo que vou seguir. — Possão os meus *aphorismos*, prevenindo às doenças, tornar inuteis os de Hippocrates, que tem por fim cura-las!

Aphorismos

DE

JOSE DE FARO.

---

1. A força e a saude da alma tem uma influencia prodigiosa sobre a força e a saude do corpo. Se a alma está enferma, o corpo ressente-se, como o vaso que contem um liquido corrosivo vem com o tempo a detriorar-se .

2. Os vicios são da raça a mais fecunda; um só d'elles basta para engendrar mil enfermidades, e quando tem um filho unico, este filho de ordinario é a morte.

3. A doença e a morte tem cinco activos agentes, que fazem entre nós o maior destroço: a intemperança, a preguiça, a cólera, a invéja e o pouco aceio.

4. Deos, em Sua Sabedoria, quiz que os actos necessarios á nossa conservação fossem ao mesmo tem-

po deleitaveis. Deo-nos, em Sua Bondade infinita, o prazer para nos indemnizar das fadigas e trabalhos da vida. O uzar pois d'elle com moderação é util e proveitoso; mas o seu abuzo è prejudecialissimo, em logar de conservar ou de repousar o corpo e o espirito, fatiga-os e destróe-os.

5. Não ha cousa alguma, por melhor que seja, cujo excêsso deixe de ser funesto. O sol é necessario para amadurecer as colheitas; porem se elle è demasiado forte, e sem interrupção por muito tempo brilha, desséca-as e queima-as. A chuva refresca e fecunda a terra; mas se ella por longo tempo continua, inunda os campos, e destróe as sementeiras. O amôr tambem foi feito para dar a vida, e embelleza-la, mas a libertinagem e o debóche são o seu flagello, e os algozes.

6. O sentido do gosto é uma sentinella, posta em vedetta, para reconhecer os alimentos antes de os deixar entrar no estomago. O seu dever é de advertir-nos se elles são amigos ou inimigos, e se ha campo para os alojar. Cuidado pois com a Praça, se a golodice chega a corromper a sentinella!

7. Quando o ballão está cheio, se se continua a assoprá-lo, forçosamente arrebentará. Da mesma maneira, tudo que introduzireis em vosso corpo mais do que é necessario para o sustentar, servirá só a arruiná-lo

8. O estomago é o cavallo que leva a nossa

bagagem; tratando-o com cuidado, servir-nos-ha bem, e muito tempo, mas se brutalmente o carregamos com mais pêzo do que as suas forças permittem e sem nunca lhe dar descanço, deixar-nos-ha a bagagem no caminho.

9. Beber para matar a sede, ou para reparar as forças, é um prazer justo e razoavel; mas beber sem necessidade, é loucura. Quando a horta necessita ser regada, abre-se para isso um cano do tanque; mas não se esgota a agua toda do tanque para inundar as plantas.

10. Triste mercado è o de vender a sua razão por alguns quartilhos de vinho!

11. Não despejeis a vossa bolça só pelo prazer de encher a pança; tem-se mais saude, e anda-se mais leve com o dinheiro na algibeira, do que com os vapôres do vinho na cabeça.

12. E para que nunca sejais tentados d'isso, occupai-vos incessantemente; porque a intemperança só gosta de andar com a preguiça, e quando vai a alguma parte, e a não acha, não se demora muito tempo.

13. A preguiça é um somno que nunca produz sonhos agradaveis; não restaura as forças do corpo nem da alma, é mãi da misèria, e a miséria destróe o corpo com as privaçoens, e o espirito com os cuidados.

14. A actividade procura a abundancia e o

commodo, e a abundancia é mãi do contentamento e da saude.

15. A cólera é uma doença da alma, que peor influencia tem sobre o corpo, inflama o sangue, agita o coração, abala os nervos e o cèrebro, pode produzir a loucura, a imbecelidade, e a morte repentina.

16. Comparo a colera a uma péça d'artilharia, que tivesse duas bocas, uma das quaes, tornada para o artilheiro, por veses o mataria.

17. Muita gente julga que a cólera alivia, e que deve exhalar-se. E' esse o cazo de dizer: o remédio é peor que o mal; é como deitar-se ao rio para aliviar a sêde.

18. O verdadeiro meio de tranquillizar-se, quando se está irritado, è o ser senhor de si, comprimindo a cólera. Tende cautella com o fogo, e preservar-vos-heis de incendio.

19. Reflecti que quando estais em furor, podeis commetter um crime, cujo castigo e remorsos vos atormentarão, quando o vosso espirito se socegar.

20. A inveja é uma lima, que noite e dia róe carne e ossos; faz da felicidade de outrem um fantasma, que não deixa dormir ou socegar; emmagrece, torna pàlido e macilento, tira o appetite, e o unico bem que emfim produz, è o de acabar com a sua victima; porque o invejoso não pode durar muito.

21. A invèja, a cólera, a preguiça e a intemperança são outras tantas immundicias, que sò podem damnificar a alma; mas devemos tambem preservar-nos das que atacão o corpo d'uma maneira immediata.

22. Se o sol brilha para todos, para todos tambem corre a agua dos rios, e das fontes, nem para poucos só o ar circula; não ha, portanto, miséria que possa impedir-nos de lavar o corpo, a roupa e a louça, de barrer, alimpar e arejar o nosso domicilio.

23. Se isto não fizerdes; desde ja vos previno, que a immundicia junta em vossa pelle se transformará em bichos e mazellas, o vosso pouco acêio introduzirá o veneno em vossos alimentos; a humidade em que, pela falta de ar, viveis, trazer-vos-ha o rheumatismo, tornar-vos-ha macilentos, alterará a vossa respiração, e corrompendo de todo assim o ar, não o renovando, virá por fim a suffocar-vos.

24. A obstinação e a ignorancia são tambem causas de grande parte das nossas doenças e enfermidades. Offerecem-se-nos os meios de preservar-nos de certos males, e, pela nossa soberba ignorancia, desprezamo-los, julgando saber mais do que aquelles que passárão a sua vida a estudar essas matérias. Quantos ha que não querem ainda acreditar, que a vaccina seja um preservativo contra as bexigas, preferindo na sua obstinada estupidez expor-se ás consequencias de tão terrivel mal!

25. Não imiteis esses loucos, meus amigos; se fordes atacados por alguma doença, da qual os meus aphorismos não tenhão podido preservar-vos, recorrei logo a um bom Medico; porque, não se deve esperar que o edificio todo esteja em chamas, para mandar vir as bombas.

26. Não deis porem nunca crédito a promessas maravilhosas; porque se a confiança é uma virtude, a credulidade é uma tolice.

27. Desprezai os charlataens que vos promettem remédios para todos os males; porque o vestido que serve a todos, não pode servir bem a pessoa alguma.

Eis a minha Medecina.—Sei mui bem quanto ella é curta, e que, por certo, não me fará obter a *Borla* e o *Capêllo*; mas, emfim, *quem dá o que tem, mostra o que dezeja*.

CAPITULO V.º

Conselhos de José de Faro sobre os principaes deveres do homem de cuja execução depende a sua felicidade.

Ha duas cousas que os ricos não podem comprar com todo o seu dinheiro, e que fazem a riqueza, ou ao menos a consolação do pobre, quando elle conhece em sua consciencia que as merece: a estima e a affeição dos homens de bem. Tendo sempre dezejado possuir este fundo precioso, fiz todo o possivel para o adquirir; e, pelas minhas observaçoens, reconheci, que a boa conducta basta para procurar-nos a estima, mas não è sufficiente para attrahir-nos a affeição. Esta, segundo me pareceo, só á bondade se accorda; porque não se pode amar verdadeiramente senão aquelle que é capaz de corresponder á nossa amizade. Pode quasi assegurar-se, que o homem que não tem amigos, é porque tambem elle nunca amou nin-

guem, e porque coração algum pôde sympatizar com seu coração seco e insensivel. Como poderá apertar-se amigavelmente a mão á quelle que apenas offerece a ponta d'um dedo? Se o enxerto é seco, como lhe poderá a arvore communicar seu succo? — Depois de ter feito estas refléxoens, examinei meu coração para vêr se n'elle existião essas qualidades que fazem os amigos e os conservão. — Achei que, apezar da minha boa porção de defeitos, como todos os homens, não era comtudo dos peores; senti que era capaz de affeição, que não tinha ódio ou inimizade a pessoa alguma, e que podia esperar a felicidade de ser amado. Este exame procurou-me igualmente a vantagem de conhecer melhor os meus defeitos para os corrigir, mostrando-me ao mesmo tempo uma série de deveres, da prática mais agradavel, que antes quasi não apercebia.

Talvez não leveis a mal, meus caros leitores, que vos communique estas minhas descobertas. Se ellas vos servirem d'algum proveito, não vos peço outra recompensa, que a de augmentar o numero dos homens de bem, cuja affeição e estima é para mim o thesouro mais precioso.

A primeira resposta de meu coração, quando o interroguei sobre os seus deveres e affeiçoens, foi esta: *teu pai e tua mâi!* A estas palavras senti que elle batia com mais força, o que me fez grande

prazer. Sim, sim disse eu com-migo, nada te falta: respeito, gratidão, amôr e confiança, tudo ahi está · — Ah! José, poderás acaso esquécer nunca o que lhes deves? A vida, os cuidados que lhes custou a tua infancia, os trabalhos e vigias da que te trouce ao mundo, e de seu leite te sustentou, a indulgencia e o zêlo d'aquelle que tanto trabalhou para te educar, e para assegurar-te de que viver para o futuro? Faze attenção que n'estas palavras, *amôr filial*, ha alguma cousa de tão santo que indica que teu pai e mãi representão Deos na terra, e que é necessario honrá-los, servi-los, e obdecer-lhes. Quando chegarem á velhice, deves tomar conta d'elles, alivia-los, trabalhar dobrado afim de procurar-lhes o necessario. Se tem defeitos, não deves a elles fazer attenção; e se outrem diante de ti ousar d'elles aperceber-se, deves excusá-los, attrahindo sobre elles o respeito, pela tua conducta respeitavel; porque o filho virtuoso é um véo lançado sobre a nudez do pai, e um escudo que protege a fraqueza da mãi. Quando o rio corre puro e cristilino, deixando vêr no fundo a branca areia, faz honra á sua nascente, e não se vai indagar se ella era turva, grande ou pequena.

Lembra-te tambem, José, que um dia sonhastes de grandezas, e que se o acaso realizasse uma d'esses tuas loucuras, colocando-te em uma posição brilhante, não deverias por isso envergonhar-te

da humilde condição de teus pais; porque aquelle que assim faz deshonra-se a si mesmo, proclamando-se ingrato, orgulhoso, indigno d'uma melhor fortuna, sem ganhar com isso cousa alguma; porque quando o burro se quer dar ares de ginete, agarra-se-lhe pelas orelhas, e põe-se-lhe o cabresto e a albarda, que para elle se fizerão.

Qualquer que seja a vossa fortuna, mostrai-vos sempre reconhecidos para com os autores de vossos dias, aquem tudo deveis. Merecei principalmente a sua benção, porque aquelle que a não possue, pouca felicidade deve esperar n'este ou no outro mundo. O filho ingrato, o filho impio será sempre olhado como um ente monstruoso. Infeliz se um dia tambem for pai! a sua velhice não poderá reclamar os direitos que elle desconheceo; o respeito, o amôr de seus filhos o encherão de remorsos e de vergonha, não se atrevendo mesmo a abençoa-los com o temôr que a sua benção lhes sirva de maldição! Congratula-te José! sentes a felicidade de ser pai, è porque fostes, sem duvida, bom filho.

Felicidade de ser pai! Ah! como senti baterme, a esta palavra, o coração! Como poderei eu explicar tal sentimento áquelles que ainda o não experimentárão? Que admiravel é a sabedoria de Deos, que combinou prazer tão grande com deveres tão necessarios e melindrosos! Soffrimentos, fadi-

gas, cuidados, tudo se esquece ao primeiro sorriso d'um filho! Que temôres, que inquiètaçoens, que poderoso interesse, que lisongeiras esperanças acompanhão esse pequeno ser tão delicado, quando quer dar o seu primeiro passo, ao seu mais pequeno chôro, a cada palavra que a balbuciar comèça! Oh! de todos os sentimentos, o mais doce, involuntario e desinteressado.! Sabemos que um dia nossos filhos nos deixarão; sabemos mesmo que um dia virá em que não sejamos nòs a sua primeira affeição; não importa, o nosso amôr não exige o ser correspondido; que elles sejão felizes, felizes mesmo sem nós, ou por outros laços, é tudo o que dezejamos, é o objecto de todos os nossos esforços, é a nossa mais ardente ambição. Dores, penas, trabalhos, cuidados, vigias, nada custa a um bom pai para assegurar a fortuna de seus filhos.

E que direi eu d'uma mãi com o olho sempre álerta sobre a frágil creatura, que trouce em seu sêio, e aquem da sua propria substancia nutre! . . . Meus amigos, aquelles d'entre vòs, que forem pais ou mãis, esses sós poderão comprender-me, os outros não; porque só se pode bem apreciar o que se tem experimentado.

Todos porem poderão comprende-lo assaz parase admirarem, que um sentimento tão natural, tão enèrgico, tão doce, possa achar coraçoens que lhe resistão, e o desconheção!—A arvore nutre com o seu

succo as vergonteas, resguardando-as com a sua sombra do ardôr do sol, a ovelha dá de mamar ao cordeirinho, a timida galinha torna-se corajosa, quando é ncessario defender seus pintainhos, e não os abandona senão quando elles ja não tem necessidade de seus cuidados, creatura alguma falta a este instincto natural, e é possivel que o homem e a mulher abandonem seus filhos ! ! .... Não posso ao menos acreditar que seja por indifferença ou crueldade; porque à natureza repugnà a isso. E' a preguiça, é o temôr, é a vergonha, é o vicio, que arrastão seres corrompidos e deshumanos á violação do mais sagrado dos deveres. Não se teria talvez commettido a primeira falta, se se fizesse attenção à sua revoltante consequencia, a esse doloroso abandono; porque se se medisse o abysmo do vicio, a sua horrorosa vista faria que d'elle nos não approximassemos. Mas uma vez que se teve a infelicidade de cahir n'elle, vale mais agarrar-se ás pedras e aos espinhos, do que deixar-se escorregar até ao fundo. E' reconhecendo-a com candura, é corajosamente reparando-à, que se faz excuzar uma fraqueza, e não procurando dissimula-la com um ultraje feito á natureza.

Não posso certamente conceber maior disgraça que o não ousar mostrar-se mãi, ou temer o titulo de pai, julgando-se obrigado a abandonar seu filho!

A outra infelicidade, que logo depois d'esta se

me apresenta, é a de poder accuzar-se da igno rancia, da incapacidade, dos defeitos, dos vicios, e da má conducta do filho que educámos; de poder dizer em sua consciencia: Não fiz o meu dever; deixei crescer meu filho na ociosidade; deixei corromper o coração de minha filha, não lhe dando liçoens e exemplos de virtude! Basta isto para encher os dias da velhice de remorsos e pezares; porque o dever d'uma mãi não é só de trazer ao mundo, e de dar de mamar a seus filhos; o dever d'um pai não se limita a procurar-lhes depois o sustento necessario; devem-lhes tambem dar o sustento da alma, a boa educação, que é a mais segura base da felicidade; devem-lhes sobre tudo o exemplo do bem, que é o melhor dos preceitos; porque o cabrito segue a mãi mesmo pelos caminhos mais difficeis, e aprende a saltar como ella pelos rochedos mais escarpados. Se dezejais que vosso filho não vos esteja sempre a cargo, é necessario po-lo em estado de ganhar a vida honradamente; se quereis que vossa filha um dia vos não envergonhe, gravai em seu coração o amor de Deos e da virtude, offerecendo-lhe em vós o modêlo.

Mas lembrai-vos que não é a violencia ou a severidade para isso o meio mais efficaz. Os tratamentos brutaes irritão e revoltão; a còlera é contagiosa. Uma conducta irreprehensivel, a justiça e a doçura, eis os verdadeiros elementos da autori-

dade paternal. Quando o tigre devora um de seus filhinhos, não adoça com isso dos outros a má indole, torna-os ainda mais ferozes. O cão, pelo contrario, tratando com meiguice os seus caxorrinhos, ao mesmo tempo que na sua segurança cuidadoso vigia, fa-los dóceis, discretos, vigilantes e fiéis. — Sim, meu filho, quero que abençoes a minha memoria; quero que te lembres sempre com prazer do tempo que passaste debaixo do dominio paterno; quero que nunca possas accusar-me de negligencia, injustiça, dureza, ou mào exemplo; para tua felicidade, e consolação da minha velhice, quero ser sempre bom pai.

Mas quem me procurou essa ventura de ser pai? — Foi a minha companheira, foi aquella que associou á minha a sua vida, foi essa mulher, essa creatura, a um mesmo tempo fraca e forte, timida e corajosa, que jurou diante de Deos de me ser sempre fiel e sujeita, como eu jurei de ser sempre seu protector e seu amigo. — Com effeito, é necessario que o matrimonio seja a cousa mais santa e sagrada, para que Deos dissesse ao homem: *Por ella, por tua consorte, deixarás pai e mãi!*

Quanto é forte, na verdade, quanto é doce essa união, em que todos os sentimentos, todos os interesses, todos os prazeres ou dissabores se experimentão em commum; em que o gôzo se duplica, repar-

tindo-o, em que se supportão mutuamente os trabalhos da vida, em que de concerto se procura a mutua felicidade! São dous corpos em um só, e cujos sentimentos de dôr ou de prazer jamais differem: o raio que destróe o novo olmeiro, arruinará tambem a vinha; mas a chuva que a vinha reanima, tambem fará florecer o olmeiro.

Disgraçado o que atraiçoa tão doces e santos deveres! A mulher adultera, o marido injusto e oppressor, darão um dia a Deos terriveis contas pelo seu perjurio, e mesmo n'este mundo o seu castigo começará. A sua desunião procurará a ruina da familia; verão o soffrimento de seus filhos; a sua corrupção, consequencia do máo exemplo que tiverão; ou, senão, a sua vergonha ao ouvir pronunciar o nome de seus pais!—Quando a parelha não vai d'um passo igual, e que cada cavallo tira para sua banda, a sege e os que n'ella vão forçosamente d'isso devem ressentir-se.

Não ha no mundo nimguem perfeito, e pessoa alguma, por momentos, deixa de merecer a sua censura; por isso mesmo que esta è uma regra sem excepção, é que deve reinar uma reciproca indulgencia entre marido e mulher. Se a doença tem alterado o génio e o caracter de vossa mulher, não é com ralhos que a curareis; mas sim tratando-a com doçura, e administrando-lhe os remédios necessarios. Não é com um punhado de cabellos

que se arranca um defeito, ou com pancadas que o caracter se amelhora. Sabei ainda outra cousa, que os ciumes de pouca ou de nenhuma utilidade servem, e que podem, pelo contraio, muitas veses dar a idéa d'aquillo em que se não pensava; porque aquelle, que ralha e castiga sem motivo, faz revoltar o innocente, inspirando-lhe o dezêjo de ao menos merecer o seu máo trato.

Lembraivos, emfim, meus amigos, que o trabalho, a economia, a confiança, a doçura, a indulgencia, são os harmoniosos instrumentos, que em concerto se devem tocar, se quereis obter a felicidade domestica.

Uma outra felicidade de que eu nunca gozei, mas que sempre ambicionei, foi de ter um irmão ou uma irmãa; porque estou certo que teriamos sido sempre amigos. Se eu fosse o mais velho, sinto que teria sido para elles como um segundo pai, ajudando-os, protegendo os, repartindo com elles o que possuisse, e dando-lhes sempre bom exemplo. Se fosse o mais moço, e que elles tivessem obrado da mesma maneira para com-migo, a gratidão não faria que augmentar a minha amizade. Ah! como fariamos face aos infortunios! porque irmãos bem unidos formão uma cadeia que pode resistir aos mais fortes abalos. A familia teria prosperado; porque teriamos todos para isso contribuido: dous

juntos fazem mais do que quatro, quando os quatro trabalhão separados. Se um braço não ajuda o outro, curta será a tarefa, ou se uma das pernas se recusa a andar, não se irá mui longe, coxeando. Examinai o prodigioso edificio construido pelas formigas, quando juntas e de concerto para isso trabalhão! Mas dispersai o formigueiro, e vereis o pouco de que é capaz cada uma em separado.

Lembrai-vos d'estas verdades, vòs que gozais d'essa felicidade que eu não conheci, e que Deos abençoa sempre a união entre irmãos. Este sentimento, que comèça com a vida, é tambem o ultimo que nos abandona; o vicio, o máo caracter, funestas dissensoens podem por um momento interrompe-lo; mas que dous irmãos desunidos se encontrem depois d'uma longa ausencia, e vereis que uma força interior, esse laço do sangue, que cousa alguma pode romper, os faz lançar nos braços um do outro, e que todas as velhas inimizades ficão esquècidas! E como poderião elles resistir ás recordaçoens da infancia, dos jogos e divertimentos de que juntos gozárão, do asilo paterno, das caricias e festas d'uma mãi, que ambos igualmente receberão, da bondade e indulgencia d'um pai, que tantas veses esquéceo e perdoou as suas faltas? Era necessario que seu coração estivesse bem profundamente ulcerado, ou completamente pervertido para que todas estas recordaçoens o não fizessem palpitar, excitando

n'elle suas primeiras affeiçoens. Um accidente qualquer pode dividir as aguas d'um ribeiro, mas apenas se tirar esse obstaclo, que sua attracção e declive natural as farão de novo correr juntas.

Acredito tanto mais este poder dos laços do sangue, que eu mesmo ressenti a sua influencia por parentes arredados, e que apenas conhecia; mas este titulo sò de parente bastava para me interessar, julgando-me obrigado a não abandonar qualquer d'elles, que de meu auxilio precizasse ; porque se a disgraça de qualquer dos membros d'uma familia tem causas vergonhosas, todos os outros devem ressentir-se ; mas se assim não ê , e a infelicidade não provem de culpa sua, a vergonha recahe só sobre os parentes insensiveis, que, podendo, a não remediárão. Deos , que tão maravilhosamente tudo regulou, querendo que a nossa fortuna e prosperidade dependessem da inteira execução de nossos deveres, é do nosso interesse o sermos sempre bons irmãos, e bons parentes.

Se não tive a fortuna de possuir um irmão ou uma irmãa , tive ao menos alguns amigos , e d'este sentimento posso fallar por experiencia propria.

Antes de ligarmo-nos de amizade com qualquer, é necessario fazer attenção a tres cousas : ——

A primeira, que um homem vicioso nunca pode ser amigo sincéro ; porque um sentimento gene-

roso não pode habitar um coração corrompido. Acreditar a amizade do vicio, é deixar-se apanhar n'um laço; porque a velhaca raposa não se faz amiga da innocente lebre que para descobrir a sua toca: procurar a amizade do vicio é expor-se a um contágio; porque o cão, que o lobo frequenta, torna-se por fim tão feroz como elle.

A segunda é, que entre amigos, nunca e sempre se está pago um para com outro. Quando alguem vos faz um serviço, e que depois achais occasião de retribuir-lho, julgais ter pago a vossa divida? Não é assim; porque, quando elle vos foi util, nada vos devia, e para que em consciencia julgueis ter-lhe tudo pago, seria necessario que tivesseis tambem a iniciativa da obrigação. Tal é o dever do reconhecimento entre os homens; mas entre amigos, não é isso; os mutuos serviços não se contão, são cousas naturaes, feliz aquelle que mais pode obrigar o outro! Obrigar sem exigir retribuição, e sobre tudo sem fazer sentir o serviço, são, portanto, as qualidades essenciaes d'um verdadeiro amigo.

E' principalmente no infortunio que sua preciosidade se avalia, quando abrindo-lhe a nossa alma, confiando-lhe a nossa situação, elle se esforça por afastar de nós a vergonha e a disgraça, prestes a esmagar-nos, preservando assim uma familia da afflicção, que, muitas veses, ignorando o perigo, nem se quer sua tranquillidade se alterou.

Um amigo è por assim dizer, d'uma natureza differente dos outros homens. Estes, quando dissimulão diante de nós as nossas faltas, è para depois com ellas ridicularizar-nos; mas um amigo, sem nos offender, nota os nossos defeitos, e defende-nos em publico contra qualquer que na mais pequena cousa ousa atacar-nos. A terceira, emfim, que a vaidade ou o interesse não devem ter parte na nossa amizade; porque é baixo e vergonhoso o paracer amar alguem só pelo proveito que d'elle se pode tirar; como tambem, que é expor-se a mais d'um perigo o ligar-se de amizade com pessoas de condição superior á nossa. O agarico não è o amigo do carvalho; mas sim uma planta parasita que a seu tronco se agarra para lhe chupar a substancia. O pobre cãozinho, que junto com o leão vivia, estava tão longe de ser seu amigo, que não comia senão os restos que seu poderoso e féro companheiro lhe deixava, e que, um dia, tardando-lhe a pitança, para apaziguar seu appetite, foi por elle devorado.

Para evitarmos taes escòlhos, sejamos mais precatados em nossas amizades, nunca esquècendo as qualidades necessarias para os conservar.

Os elephantes são, por certo, no mundo mais raros que as formigas, isto é, que o numero dos pequenos é mil veses maior que o dos grandes,

ou por outra ainda, que é maior o numero dos criados que o dos amos, dos subalternos que o dos chéfes, dos que obedecem que o dos que commandão. Pois que assim é a ordem das cousas n'este mundo, que não està em nossa mão alterar, parece-me que o melhor partido a seguir seria de a ella tranquillamente resignar-nos, tirando todos as vantagens possiveis da nossa posição.

Em primeiro logar, raras veses tenho visto um amo contente de seus criados; talvez em algumas occasioens tenhão razão; mas nem sempre é assim, e para lho provar, preguntar-lhe-hia: estais descontente de vossos criados, ou de vossos subditos; mas que tendes feito para merecer o seu amor e o seu zelo? Fosteis sempre justos para com elles? Nunca exigisteis que elles fizessem cousa alguma asima das suas forças, ou que os humilhasse? Pagasteis-lhes sempre bem, e regularmente os seus serviços? Nunca os tratasteis com altivez ou desprezo? Se em suas infelicidades ou apertos, implorárão a vossa protecção, fosteis sempre promptos em accordar-lh'a? Não poderião elles autorizar-se com o vosso exemplo para faltar de actividade de zelo, e mesmo de probidade? — Para exigir dos outros a execução de seus deveres para com-nosco é necessario que não faltemos tambem aos nossos para com elles. Eu pela minha parte pouca necessidade tenho tido de serviços alheios, achando sem-

pre mais commodo e facil fazer as cousas eu mesmo do que incommodar ninguem, ou ver-me sujeito a criados, que muitas veses são mais amos do que os amos; porem tinha um cavallo, de cujos serviços não me podia passar no meu commercio, que jamais tratei com injustiça. Nunca lhe faltei com a sua ração, nunca o carreguei com mais pêzo do que elle podia, e quando as forças lhe faltàrão pela velhice, não o abandonei, conservei-o até ao seu ultimo momento, não lhe faltando nunca com o necessario, como seus longos e bons serviços merecião. O zelo e amor d'este pobre animal para com-migo erão na verdade admiraveis; respondia quasi á minha voz, e obedecia com prazer ao meu mais pequeno gesto; quando, para passar algum ribeiro, o montava um instante, posto que o meu pêzo não servisse a aliviar-lhe a carga, rinchava de contente, mostrando-se como vaidoso da honra que lhe fazia! Assim não seria se com injustiça o tivesse tratado e se o chicote fosse o unico meio de que me servisse para me fazer obedecido. Mas vós que vos fazeis servir por creaturas da vossa espécie, dezejais o seu amor e o seu zelo a obedecer-vos e respeitar-vos? fazei bem attenção ao que vos digo: aquelle que trabalha sem nunca repousar perde mais do que aproveita; quando a roda tem feito muitas voltas, è necessario untá-la para a fazer continuar; se o vosso cavallo anda bem, não deveis picar-lhe com

as esporas; porque em logar de ir mais depressa, parará, e revoltar-se-ha contra o seu injusto tratamento; o que tudo em resumo quer dizer : Sede razoaveis, justos e humanos, se quereis ser bem servidos.

Fallei das queixas dos amos contra os criados; mas as d'estes contra seus amos são ainda mais frequentes e injustas, encontrando-se raras veses um que da sua sorte esteja satisfeito. Confesso na verdade que ella não é das melhores; mas sendo ordinariamente livre, aquelles que d'ella se revoltão não tem escuza alguma. Uma das duas: servis, ou de preferencia a fazer outra cousa, ou por necessidade. Se podendo fazer outra cousa, quereis antes ser criado, fica julgada a vossa causa; porque o passaro que quer fartar-se de arpista na gaiola, não deve queixar-se de não poder mais voar livre pelos campos. Se não podeis, ou não sabeis fazer outra cousa, mais culpado ainda sois de murmurar contra o amo, que vos dá o sustento e o mais necessario, que sem elle não terieis. Vejamos: qual é o motivo das vossas queixas? — A criado preguiçoso, todo o amo parece exigente; a criado infiel, bebado ou goloso, a economia e a vigilancia parecem avareza e desconfiança; a criado insolente, uma ordem ou uma admoestação parecem um ultraje e um insulto. Vede bem se estais n'este caso, e sobre tudo se a inveja e a soberba são as causas da vossa aversão para com vossos superiores.

Ah! meus amigos, se assim é, talvez invejais uma sorte muito peor que a vossa! Quando cumpris exactamente as vossas obrigaçoens, tendes ao menos certa a cama e a mëza, e dormis tranquillamente a noite inteira; mas vosso pobre amo, que cuidados, que afflicçoens o atormentão para supprir ás necessidades d'uma numerosa familia, para sustentar o seu caracter na sociedade! quantas noites taes idéas lhe afugentàrão para longe o somno! E sabeis ainda, por ventura, se no emtanto que o servis, elle não serve tambem um outro amo, um superior muito mais soberbo e exigente, de quem depende a sua subsistencia, e a quem por isso treme de desagradar; porque não poderia como vós tão fácilmente substitui-lo? E é esta a sorte que invejais!—Muitas veses n'este mundo, no emtanto que a mão direita commanda, a esquerda obedece; e nem sempre é mais infeliz aquelle que das duas mãos obedece.

Sede exactos, fièis, zelosos do interesse de vossos amos, e não achareis tão dura a vossa condição; porque, se quereis que vos diga o que penso, é que me parece quasi impossivel que um bom criado ache um máo amo; não são elles, os bons criados, tão commum mercadoria para que assim se desprese.

Todos n'este mundo dependemos mais ou menos uns dos outros; porque o homem por si só é uma

tão fraca creatura, que nunca pode dizer: *d'esta agua não beberei*. Amar-nos e servir-nos uns aos outros è não só a base fundamental da Religião mas um dever natural, que se entre nós fosse melhor praticado, faria a nossa mutua felicidade. Quando a formiga arrasta uma palha para ella pezada em demasio, vem outra formiga ajudà-la; quando uma abelha encontra outra tornando para o cortiço com uma carga demasiado forte, apressa-se de a aliviar, tomando-lhe metade; a galinha, quando é necessario, não se recuza a tirar, e a servir de mãi aos perũzinhos.

E' sem duvida, uma grande felicidade o achar quem nos obrigue e ajude nas occasioens difficeis; mas ainda é maior a felicidade d'aquelle que pode ser util; a gratidão è um doce sentimento; mas mil veses mais doce para aquelle que d'ella é o objecto. Quando uma vez se experimenta esse prazer, dezeja-se sempre renovà-lo; tão grande é a satisfação que elle procura! Por isso, pode dizer-se com verdade que as boas acçoens são sempre fecundas; a primeira produz uma segunda, e a segunda muitas outras. Não deixemos pois escapar, meus amigos, as occasioens de fazer o bem, não indagando sobre tudo, se aquelle que necessita do nosso soccorro, pensa, obra, ou tem a nossa mesma fè: o homem que soffre é nosso irmão, é tudo a que devemos olhar. Façamos por elle o que podermos, sem dar por excu-

sa a nossa pobreza; porque nem só com o dinheiro se pode fazer o bem. Deos não teria feito da charidade um dever universal, se não desse a todos os homens os meios de a executar. Aquelle que dá a trabalhar ao pobre, faz-lhe muito maior bem, que se lhe desse dinheiro; e um bom conselho vale ás veses mais que um cruzado novo. O que pode ainda servir de maior utilidade que os conselhos, são os bons exemplos, que produzem mais fructo do que se pensa.

Respetai sobre tudo em vossas palavras e acçoens a fraqueza do sexo, e da infancia. O homem, em todas as circunstancias, deve proteger, e respeitar mesmo a mulher pela sua fraqueza, e só um infame cobarde pode faltar a este dever. Sede sempre discretos diante da innocente infancia; porque é uma flôr tão delicada, que o mais leve bafo impuro pode alterar.

Honrai a velhice; porque aquelle que a ella tem chegado ja não tem forças para se defender, necessita, pelo contrario, d'um braço que o sostenha; é necessario embellezar-lhe um pouco o fim da sua carreira, espalhando algumas flores pelo curto espasso que a fazer lhe resta. Infeliz o insensato que a velhice não respeita! tempo virá em que conheça o seu erro. Feliz aquelle que tendo chegado a essa idade, em que a vida toda existe no passado, só agradaveis recordaçoens a sua memoria lhe apresenta, e, livre de remorsos, pode affouto dizer: Nunca

fiz mal a qualquer dos meus semelhantes ; fiz-lhes, pelo contrario, todo o bem que pude ; fui bom filho bom pai, bom marido, bom irmão, bom amigo, bom amo, bom subdito, e bom humano, não temo, Deos misericordioso, de abandonar minha alma em tuas mãos !

CAPITULO VI°

Continuão-se os conselhos de José de Faro sobre algumas virtudes mais necessarias na sociedade.

Uma das virtudes mais necessarias na sociedade é a indulgencia. A severidade não sò se torna contra a pessoa mesma que a exerce, fazendo lembrar, ou procurar os seus defeitos, mostrando-se-lhe ás veses, que essas poucas bellas qualidades, de que tanto se blasona, sò ao acaso as deve; mas injusta, esquéce a fraquêza do homem, e o império que sobre elle tem os objectos que o cércão. Para ser sevéro com justiça, seria necessario appreciar todos os soccorros, ou todas as contrariedades e obstaculos que cada um achou na sua carreira. — Se todos os homens assim fossem julgados, quanto a altura d'uns diminuiria, e a d'outros menos exigua pareceria! Quantas bellas e célebres acçoens menos extraordinarias se mostrarião, e quantas culpas mais escusaveis!

E' a indulgencia que ensina esse feliz segredo de estar sempre contente de si, e bem com os outros. Uns querem uzar no mundo d'uma franquêza austéra e sem limites; outros, familiarisados com toda a qualidade de baixeza, approvão o que interiormente lhes desagrada, louvão o que achão ridiculo, applaudem ás veses mesmo o crime e a vileza. Sede indulgentes; mas não sacrifiqueis a vossa propria estima; a franquêza bem entendida vos tornará mais amaveis e apreciados.

Menos uma pessoa se occupa dos vicios, ou dos defeitos alheios, mais a sua existencia é feliz e tranquilla. A indulgencia traz com-sigo a sua recompensa, fazendo-nos vêr e julgar os homens pouco mais ou menos como elles devião ser. Deve mesmo empregar-se esta virtude para com esses infelizes, victimas do erro, das circunstancias, ou d'uma má educação; não faltará quem os accuze e os castigue. Evitemo-los; mas se precizarem do nosso soccorro, não balancemos em prestar-lho.

Depois da indulgencia, a virtude mais apreciavel é essa afabilidade, essa tendencia e disposição a obrigar os outros, a que os Francezes chamão *obligeance*, e que me admira não tenha na nossa lingua um nome proprio e particular. A raridade mesmo d'esta virtude a torna mais preciosa; o prazer que ella procura é de todos o mais doce, o unico talvez que nos deixe sempre agradaveis recor-

daçoens. Sede pois indulgentes e serviçaes, se quereis obter no mundo geral estima e affeição.

Outra virtude não menos estimavel e preciosa entre os homens é a probidade. Um homem honrado não só é fiel ás suas promessas, porque nada promette ligeiramente, mas a probidade brilha em todas as suas acçoens, a franqueza em todos os seus discursos. Se commette alguma falta, prompto a repara-la, confessa-a sem fausto, não a exagerando ou diminuindo. Nos interesses que lhe são communs com os outros homens, decide-se sempre pelo bem geral, e pela justiça, a maior riqueza a seus olhos sendo a sua propria estima. Ainda que serviço algum me não faça, sempre lhe sou obrigado; porque me procura uma das maiores satisfaçoens que eu posso ter, a de contemplar um homem de bem.

A modestia tambem é uma das raras, mas preciosas virtudes na sociedade. O homem simples e modesto vive ignorado até ao momento em que circunstancias imprevistas vem patentear as suas qualidades estimaveis, as suas acçoens generosas: compàro-o a essas raras e bellas flores, que tendo de ordinario um pé mui curto, a sua existencia no jardim só se conhece pelo delicioso aroma que exhalão. O orgulho e a vaidade dão por certo na vista mais depressa; mas quem faz sempre o seu elogio, dispensa os outros d'esse trabalho. Um

dia virá em que o homem modesto e simples, sahindo da sua obscuridade passageira, receberá a sua devida recompensa na estima publica de seus concidadãos, e n'esses sincéros elogios que o coração prodiga sem esfórço. A sua superioridade, longe de parecer importuna ou odiosa, a todos agradará; porque a modestia dá aos talentos e ás virtudes um encanto igual áquelle que o podôr dà á belleza,

Não vos mostreis nunca curiosos, ou indiscretos na sociedade. A curiosidade é de ordinario o defeito dos ignorantes, ou das pessoas que recebêrão uma má educação; não sabendo occupar seu espirito em cousa alguma util ou interessante, entretem-se com os negocios alheios. Este defeito, relativamente ás cousas minuciosas da vida, é de todos o mais ridiculo e fastidioso; relativamente a negocios importantes, é indecente e odioso.—Se quereis ser curioso, dirigi só a vossa curiosidade a conhecer os males e infortunios alheios, que possais ou queirais remediar.

Uma qualidade, emfim, tão estimavel na sociedade, que a meu vêr ella deve reputar-se uma virtude, è essa constante e doce igualdade de caracter, signal d'uma alma pura, e de tempera tão forte, que pode resistir às contrariedades, que em nós a cada momento excitão os objectos que nos cercão. Quanto é agradavel á sociedade o homem que a possue! Como poderá deixar de estimar-se, e de receber-se

com prazer aquelle, em cujo rosto se está certo encontrar sempre a serenidade e a alegria?

Eis, meus caros compatriotas, as qualidades e virtudes que eu dezejaria possuir, e que vós todos possuisseis para nossa felicidade.

Quanto a mim, o meu pezar é de não ter pensado n'isso mais cedo; porem, *mais vale tarde do que nunca.*

CAPITULO VII.º

A Religião

DE

JOSE DE FARO.

Lembrar-vos-heis sem duvida do que vos disse no primeiro capitulo d'esta obra, como foi que um dia resolvi adquirir algumas virtudes, combatendo e destruindo os defeitos e más disposiçoens do meu caracter. Disse-vos tambem como esta emprêza, que ao principio tão facil parecia, me offereceo depois mais difficuldades do que esperava. Explicar-vos-hei agora como è que obtive, senão vence-las todas, ao menos a perseverança e a corajem para combate-las.

Educado por pais mui religiosos, e desde a infancia destinado para o Estado Eccleziastico, quasi que podia passar por um pequeno theologo; mas, tendo adquirido estas idèas e práticas Religiosas n'uma idade, em que se faz mais uzo da memo-

ria, que da razão, exerci-as maquinalmente, como de ordinario se faz com todas as práticas jornaleiras. Com tudo, esta instrucção, e este hábito servirão-me da maior utilidade, como ides vêr.

Tendo resolvido, como disse, refor-mar-me, comecei por desarreigar os meus mais inveterados defeitos, substituindo-lhes algumas virtudes que me faltavão. Mas, seja que os meus defeitos tivessem deitado raizes demasiado profundas, seja pela ruindade do terreno, as virtudes, novamente em meu coração transplantadas, tinhão a maior difficuldade a pegar, vendo por conseguinte que me era necessario para isso uma força superior; mas essa força aonde a encontrar?

Foi n'um momento em que, perdendo quasi a coragem, me fazia esta questão, que meus olhos a resolverão ao alevantar-se ao Ceo. Pareceo-me que um rayo celeste descia sobre o meu espirito, esclarecendo-o d'uma maneira sobrenatural. Sim, exclamei com enthusiasmo, è d'ahi que vem a força verdadeira! é Deos que só pode dispensa-la, é na Religião unicamente que um Christão pode encontrá-la!

Recordando-me então do passado, do que tinha aprendido e praticado, admirei-me de não ter nunca sentido ou pensado n'essas verdades sublimes que a Religão offerece, do meu descuido e tibieza na

pratica dos actos religiosos, que alimentão a vida da alma!

Fui direito a uma Igreja, e ahi prostrado diante de Deos, fiz pela primeira vez uma oração verdadeiramente sentida, para dar graças aos Ceos dos novos beneficios que recebia. A admiração, o reconhecimento, o amor se amparavão da minha alma á medida que ia melhor conhecendo essa Religião santa, origem da verdadeira força, das esperanças mais preciosas, das mais doces consolaçoens. Outras forão desde então as minhas disposiçoens para o cumprimento dos meus deveres Religiosos; não era sò o meu corpo que ia maquinalmente á Igreja, não era a minha boca só que entoava ou dizia os sagrados hymnos; não erão só ás minhas orelhas que a palavra Divina se dirigia; minha alma estava a tudo presente, ouvia, e glorificava.

Nunca mais desde então me faltarão forças para combater as minhas paixoens, e para avançar um pouco no caminho do bem. Se Deos não permittio que fosse tão longe como dezejava, devo-lhe sempre fervorosas graças por me ter tornado menos indigno dos immensos beneficios que Sua Mesericordia Infinita a cada instante me accorda.

Penetrado assim da grandeza do Creador, a cada passo encontrava d'ella as provas e os testimunhos; toda a Natureza perecia embellezar-se a meus olhos com esta sublime comtemplação: desde o altivo car-

valho atè ao arbusto o mais humilde, desde o vigoroso boi que os campos lavra atè ao timido insécto que debaixo d'uma hervinha se esconde, desde a altiva águia que sobranceira às nuvens voa até á pequena abelha que não passa álem do calice das flores, desde o estrondoso ruido das vagas do Oceano atè ao doce murmurio do ribeiro, desde os astros que brilhão no firmamento até ao humilde insècto que de noite relampeja, tudo via concorrer para glorificár o Creador, para attestar o seu poder, a sua sabedoria!

Mas ao momento em que gozava de tão doce enthusiasmo, Deos quiz experimentar-me, exigindo de mim o tributo de afflicção, que todo o homem deve pagar. Meu pai me foi roubado . . . Sua longa e dolorosa enfermidade, durante a qual nunca se lhe ouvio um só murmurio, uma só queixa, fez-me conhecer quanto a confiança em Deos inspira ao justo paciencia para soffrer, esperança e resignação para morrer. Este meu primeiro infortunio procurou-me ainda outra lição, ensinando-me que ha dores da alma, que só a Religião pode curar. Ah! como poderia supportar-se a perca de tudo quanto ha de mais charo, se não podesse dizer-se: Vernos-hemos ainda em um melhor mundo? Esperança consoladora! O ultimo adeos do ser querido não é pois eterno! os laços no mundo sanctificados nem para sempre ficão desfeitos!

A esta èpocha não tinha ainda inteiramente des-

terrado da minha imaginação essas idéas absurdas, que a indiscreção e a estupidez inspirão á infancia. Posto que não desse crèdito a todas essas absurdidades, não era com tudo isento d'uma certa disposição superstiçiosa, que a minha recente infelicidade fazia reviver. Esperava quasi que meu pai, revestido de gloria, viria uma occasião consolar-me da sua perca! Tendo adormecido uma noite com a imaginação fixa n'està idèa, eis que lá pelo meio da noite acordo sobresaltado, e ao abrir os olhos, pareceo-me vêr atravez da claridade da lua a sombra de meu pai, tal qual a tinha imaginado. Dou um grito de alegria, e repentino salto da cama para abraçar essa sombra querida; mas a penas meus pès tocão o chão, ou meus olhos se abrem melhor, que a visão desaparece! Reconheci que era apenas uma illuzão dos meus sentidos, um erro da minha imaginação; mas, vergonhoso e arrependido d'uma tão culpavel fraqueza, puz-me de joelhos, e exclamei: Perdoai, Deos meu, a esperança e o dezejo impio que ousei conceber! Não, a alma, uma vez chamada á Vossa Divina presença, não torna a vir a este mundo de misérias. Somos nòs que devemos acabar o nosso desterro para reunir-nos a Vós, e aos amigos que nos deixárão. Sei que a mortal algum é dado o penetrar os segredos da outra vida; que nenhum d'elles pode lêr no futuro, conjurar os espiritos e os elementos; por que só Vòs abrangeis o tempo

e o espasso, a Vós sò tudo obedece, sò a Vós pertence o poder sobrenatural. Ensinasteis-nos na Vossa Santa Religião o que só deviamos crêr; acreditar outra cousa è offender-Vos.

Depois d'esta circunstancia, fiquei para sempre curado das minhas idèas supersticiosas; porque a superstição, que vive de terrores e de enganos, não pode combinar-se com a Religião, toda esperança e verdade. O impio e o malvado podem vêr a cada momento prodigios ameaçadores, procurando com práticas insensatas socegar sua atormentadora consciencia; infames hypòcritas podem, para seu interesse, espalhar tão perniciosas doutrinas; mas o homem justo e religioso só em Deos e na Sua Santa Fé acredita, e só ahi tem o seu refugio.

Ah! qual é aquelle que não tem ainda experimentado a necessidade e o valor d'esta Fè d'este refugio? Qual é a creatura humana, a não ter a alma inteiramente corrompida, que deixe, ao menos por momentos, de sentir a necessidade de prostrar-se diante do Autor de todas as cousas? Desde o tenro infante, que a vida acaba de receber, até ao velho caduco, prestes a deixá-la, qual é aquelle que não tem a dar acçoens de graças pelos bens que lhe são promettidos, ou pelos de que tem gozado? Desde o humilde e pobre trabalhador até ao Monarcha, resplandecente da sua ephémera Magestade, qual è o mortal que não tem a pedir cousa alguma ao

Deos Todo poderoso? Oh! quanto lastimo aquelle que ao Ceo não sabe dirigir os suas preces!

Se feliz, é um ingrato! Se a dôr ou adversidade o affligem qual serà a sua consolação, a sua esperança? Se culpado ou criminoso, os remorsos o atormentão, não pode esperar perdão, mesmo quando se arrependera! O Fé divina, Religeão santa, quantos são os bens que tu produzes! Sou homem, e como tal, pago a minha contribuição de misèrias á humanidade; mas quando digo as minhas rezas da manhã, sinto que sou melhor, e não commetto tanta falta durante o dia; se á noite antes de me deitar, não esquéço tambem este dever, o meu somno é mais tranquillo; quando a fortuna me é propicia, meu coração sente a necessidade de mostrar-se reconhecido para com o Autor de tudo; se a disgraça me acommette, é na oração que acho força para resitir-lhe, e esperança de a vencer. A oração é um escudo contra as tentaçoens, um balsamo que cicatriza as chagas mais inveteradas, uma mão invesivel que sustenta o fraco, um braço amigo que vem na quéda levantar-nos; inspira um sentimento tão consolador, tão digno e respeitoso, que não pode explicar-se. Que o homem mais frivolo e ligeiro que exista diga se seu coração pode deixar de enternecer-se, e de experimentar um involuntário sentimento de veneração á vista da innocencia, ou

do arrependimento em fervorosa oração prostrado ante os altares?

Que o impio mais audacioso diga se era capaz de insultar um sacerdote no momento em que elle abençoa um pôvo inteiro de joelhos?

Meus amigos, a oração fortifica a *Fè*, reanima a *Esperança*, sustenta e entretem a *Charidade*, estas tres virtudes do Christão . . . . Mas alto! sinto que não devo ir mais longe. Apezar dos meus estudos theologicos, sei que não tenho talentos sufficientes para ensinar as verdades da nossa Santa Religião. Não é uma ovelha que deve dirigir o rebanho; porque poderia desencaminhá-lo, entregando-o sem querer nas garras do lobo; é ao pastor a quem só isso pertence. Porem uma ovelha pode dar ás veses o conselho e o exemplo de escutar e seguir o pastor, e é esse o meu fim unicamente.

Se pela narração das minhas proprias impressoens pude convencer-vos, meus caros Concidadãos, que a Santa e pura Religão de nossos pais é a baze da virtude, e da felicidade tanto n'esta, como na outra vida, e que, por conseguinte, não pode oppor-se ás sábias Instituiçoens, para nossa ventura feitas, tenho assim prehenchido o objècto que me propuz. Mas lembrai-vos que vos digo a *Santa e pura Religião de nossos pais*, e não essa que o *fanatismo*, *a hypocrisia*

e a intolerancia vos ensinão, representando-vos o Cèo como um terrivel juiz, injusto, implacavel e avido de vinganças ! Vicios atrozes, quanto vos abomino! Tendes feito temer, e mesmo detestar as idéas mais doces e consoladoras ; tendes feito tremer de remorsos até a innocencia ! No emtanto que a Religião ensina os homens a cobrir com o vèo da indulgencia as faltas de seus semelhantes, a intolerancia lhes ensina a transformar em crimes suas opinioens ! No emtanto que a Religião abre os braços ao disgraçado, a intolerancia lhe levanta cadafalsos ! Uma sò quer por Ministros homens virtuosos e caritativos, outra só ferozes algozes ; uma enxuga as lagrimas do afflicto, outra derrama-lhe o sangue ! A Religião prescreve a seus Ministros humildade e obediencia aos Governos estabelecidos, e entre nós, infelizmente, como é que a maior parte d'elles executa estes deveres ? O luxo, a desordem e a rebellião não é o de que elles mais se occupão ?

Meus amigos, o verdadeiro e respeitavel Ministro da Religião é bem fácil de conhecer : o seu fim sendo de ensinar-nos a supportar o melhor possivel esta nossa momentanea habitação terrestre, deve applicar-se continuamente de aliviar os males de seus semelhantes, de destruir os ódios e as prevençoens, de calmar os furores dos partidos, todos os seus deveres, em fim, sendo de amor e de paz, fàcil será conhecer aquelle que merece o nosso respeito

e gratidão. Mas vós, fanáticos, hypócritas, e intolerantes, que esperais? .... Qual é aquelle d'entre vòs que no terrivel dia poderá dizer: Senhor! perdoai as minhas culpas; porque ao menos cumpri um de teus divinos preceitos: *amei o proximo como a mim mesmo?*

CAPITULO VIII.

Parabola

DE

JOSE DE FARO.

Em um calmoso dia de verão, um homem para gozar d'um ár mais fresco, foi para uma varanda qũe tinha mui elevada.

E olhando de lá para baixo, vio um pobre homem parado ao pé d'uma excavação, qne no caminho se fazia para um pôço ou cisterna, todo extenuado pelo calôr do dia. E sentindo ao mesmo tempo a sensação agradavel, produzida pelo doce e ligeiro zéphiro que a seus ouvidos assoprava, todo vaidoso exclama:

Que felicidade é a minha de estar em uma posição tão elevada! Que differença vai de mim a esse miseravel, que d'aqui apenas devizo e que è sem duvida devorado pelo ardor do sol!

E elle dizia isto; porque fazia como quasi todos os homens que medem a sua altura, não se lembrando de deduzir o pedestal sobre que se achão colocados.

Ora no emtanto que elle fallava assim com desprezo do pobre homem, e se vangloriava da sua elevação, eis que sente alguma cousa cahir-lhe sobre a cabeça; e levantando os olhos, vio na caza ao pé da sua um homem posto n'um mirante, muito mais elevado que a sua varanda.

E este homem do mirante, vendo o da varanda muito abaixo d'elle, e julgando poder com impunidade insultá-lo, escarrou-lhe na cabeça.

O homem da varanda ficou raivoso por um tão indigno tratamento, e gesticulando dizia: Ah! que se eu podesse chegar-te, pagar-mo-hias! Mas as suas ameaças erão infructuosas, e o homem do mirante ria d'ellas ás gargalhadas.

Porem no emtanto que elle assim zombava da inferioridade do seu vezinho, eis que sente tambem alguma cousa cahir-lhe sobre a cabeça, e levantando os olhos, vio um balão, que magestosamente no ár se balanceiava, e um homem dentro d'uma pequena barca, que ao balão estava atada.

Este homem, apercebendo o do mirante tão inferior a elle, julgou poder rir á sua custa, atirando-lhe á cabeça com saquinhos de areia.

O homem do mirante indignado tambem d'um

tal proceder, colérico dizia : Ah ! que não possa eu vingar-me d'esse insolente ! gesticulando ameaças igualmente infructuosas.

Durante este tempo, o homem que estava ao pé do poço levantando por acaso os olhos ao ár, apercebeo o da varanda, o do mirante e o do balão, e invejando a sua sorte exclamava:—Oh ! que felicidade è a dos que estão tão alto colocados ! De que bella vista deve gozar-se, e quão puro e fresco será o ár que ahi deve respirar-se ! Se eu tivesse ao menos uma varanda, não soffreria aqui tanto do ardôr do sol, e das quentes exhalaçoens da terra.

Ora apenas elle acabava de pronunciar isto, que uma voz lamentosa sahe do fundo do poço, dizendo:

Que triste cousa é passar o dia nas entranhas da terra, respirando um ár humido e infécto, no emtanto que todos os outros homens gozão do sol, respirão livremente, e andão sobre um tapete de flores !

Estas palavras fizerão impressão no homem que estava á borda do poço, vendo perto de si um dos seus semelhantes que mais infeliz ainda se julgava.

Mas no emtanto que tudo isto se passava, negras nuvens se condensão na athomosphéra, arrebentando de improviso uma horrivel tempestade. A agua cahe a cantaros, os trovoens abalão a terra, e os raios parecem querer devorá-la.

Via-se o balão horrivelmente agitado no ar, e o

homem que estava na barca a elle atada ja não tinha, por certo, vontade de rir, ou de escarnecer dos seus inferiores, dezejaria pelo contrario não estar tão alto, trocando com prazer a sua elevada posição pela mais humilde que fosse.

Porem no emtanto que assim fazia as suas tardias reflécçoens, e que dava inuteis gemidos, o raio cahe sobre o balão, reduzindo-o a cinzas, e dando em terra com a barca.

Pouco depois um outro raio cahe tambem no mirante, e o homem que n'elle estava fica paralizado.

Este mesmo raio destacando algumas pedras do mirante, que cahem sobre a varanda, o dono d'ella tem um braço quebrado.

O homem que estava ao pé do poço não soffreo outro damno da tempestade que uma grande molhadella.

Mas o homem que trabalhava no fundo poço, nem se quer soube que tivesse havido uma tão horrivel tempestade. Quando acabou o seu trabalho, e o içárão para sima, não a tristeza, mas o contentamento se via pintado em seu rosto.

Então o homem que estava ao pé do poço, e que antes o tinha ouvido queixar, chega-se a elle, e conta-lhe o que acaba de acontecer, ajuntando depois: Não te queixes mais, meu amigo, da tua sorte; porque, na tempestade, foi o que mais elevado estava que primeiro e mais de que nimguem soffreo.

O que estava no mirante ficou ferido mortalmente, o da varanda ficou bem maltratado, eu mesmo, por estar um pouco mais elevado de que tu, tambem tive a minha parte. Lamentavas-te quando os outros rião e se glorificavão, agora és tu que com razão poderias cantar, pois que nem se quer te apercebestes da tempestade, que tanto os maltratou.

Eu te prometto tambem que nunca mais invejarei as elevadas posiçoens, pois que foi á humildade da minha que devo o ter recibido só uma molhadella, que facilmente vou secar.

Estas reflexoens fizerão grande impressão no homem que trabalhava no fundo da cisterna, dizendo com-sigo: Mui bem; consolemo-nos da nossa pobreza, pois que a fortuna mede-se no mundo ás varas, e os cuidados, os perigos, os dissabores, são a moeda com que ella se compra; e, apezar mesmo d'um tal preço, nunca se pode ter um logar assaz alto que não encontre outro ainda mais elevado; por que só Deos goza tranquillamente da sua grandeza, só elle não tem superior, e sò elle está isento de revéses.

FIM.

☞ Tenho a dar uma satisfação aos mais sevèros dos meus leitores sobre duas cousas, que sem duvida os escandalizarão n' este meu pequeno compendio de Moral Publica: 1º. a immensidade de erros e de faltas de todo o gènero que alli notarão; 2º. a minha ousadia de me fazer passar por autor do que em grande parte me não pertenec.

Quanto á primeira, pedir-lhes-hei de se lembrarem, que é quasi impossivel obter perfeição thypographica em uma obra publicada em paizes estrangeiros, e que não tive tempo, nem meios de dar a esta edição todo o cuidado que dezejava.

Quato à segunda accusação; que è um pouco mais séria, responderei: Que, posto que adoptasse todas ou grande parte das idèas de Mr. de Jussieu no seu excellente opusculo, intitulado — *œuvres posthumes de Simon de Nantua*, outras forão tambem as fontes aonde fui beber; e que, álem de haver alguma cousa de que eu sòu o unico autor, e do arranjo da obra ser novo e de todo meu, dezejando fazer uma obra inteiramente Portugueza, e substituir o meu heròe José de Fàro ao Simão de Nantua de Mr. de Jussieu, não sei como poderia dar o nome de traducção ao meu trabàlho!

Se isto satisfizer, ficar-lhes-ha summamente agradecido

F. L. Alvares d' Andrada.